

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. S. e Freire, Teresa (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga, Psiquilíbrios Edições.
- Arends, R.I. (2008). *Aprender a ensinar*. Lisboa, McGraw-Hill.
- Azevedo, Carlos et al., (2004). *Metodologia Científica – contributos para a elaboração de trabalhos académicos*. Lisboa, Universidade Católica Editora, 7ª Edição.
- Alarcão, Isabel, Roldão, M. C., (2009). *Supervisão. Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde, Edições Pedagogo.
- Barroso, João, (1996). *O estudo da escola, org.*. Porto, Porto Editora.
- Barroso, João, (2005). *Políticas educativas e organização escolar*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Bardin, L. (1996). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Benavente, Ana (1999). *Escola, Professoras e Processos de Mudança*. Lisboa, Biblioteca do Educador.
- Blilhim, J. A. de F., (2006). *Teoria organizacional. Estruturas e pessoas*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Bogdan, Robert e Biklen, Sari, (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto, Porto Editora.
- Bolivar, António, (2003). *Como melhorar as escolas*. Porto, Edições ASA.
- Cabrito, B.G. (2002). *Economia da Educação*. Lisboa: Texto Editora.
- Carreira, M. (1996). *O Estado e a Educação*. Mirandela, Cadernos do PÚBLICO.
- Carvalho, J. Eduardo, (2002). *Metodologia do Trabalho Científico – “saber-fazer” da investigação para dissertações e teses*. Porto, Escolar Editora.
- Cavaco, M. Helena, (1999). Ofício de professor: o tempo e as mudanças. In. A. Nóvoa (org.), *Profissão Professor* (pp.155-191). Colecção Ciências da Educação,. Porto, Porto Editora.
- Chiavenato, J., (2000). *Introdução à Teoria Geral de Administração*. Rio de Janeiro, McGraw-Hill do Brasil.

- Clímaco, M.C., (2006). *Avaliação de Sistemas em educação*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Costa, J. A., (2003). *Imagens Organizacionais da Escola*. Coleção Perspectivas Actuais. Porto, Edições Asa;
- Domingo, J. C. (2003). *A autonomia da classe docente*. Porto, Porto Editora.
- Elias, Fernando, (2008). *A escola e o desenvolvimento profissional dos docentes*. Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão.
- Esteve, J. M., (1999). Mudanças sociais e função docente. In A. Nóvoa (org.), *Profissão Professor* (pp.13-34). Coleção Ciências da Educação. Porto, Porto Editora.
- Estrela, M. Teresa, (1997). *Viver e Construir a Profissão Docente(org.)*. Porto, Porto Editora.
- Fernandes, António José, (1994). *Métodos e regras para elaboração de trabalhos académicos e científicos*. Porto, Porto Editora.
- Fernandes, R. (1973). *Situação da Educação em Portugal*. Lisboa: Moraes Editores.
- Ferreira et. al, (2001). *Manual de Psicossociologia das Organizações*. Lisboa, McGraw-Hill.
- Formosinho, João (1998). *O Ensino Primário. De Ciclo Único do Ensino Básico a Ciclo Intermédio da Educação Básica*. Lisboa, PEPT.
- Formosinho, J., e tal., (2000). *Políticas educativas e autonomia das escolas*. Porto, Edições ASA.
- Freire, P., (2006). *Pedagogia da esperança*. S. Paulo, Paz e Terra.
- Garcia, C. M. (1999). *Formação de professores para uma mudança educativa*. Porto; Porto Editora; Capítulo 1 – *Estrutura conceptual da formação de professores* (pp.17-68).
- Garmston, Robert et al., (2002). A Psicologia da Supervisão. In Júlia Oliveira-Formosinho (org.) *A Supervisão na Formação de Professores II. Da Organização à Pessoa* (pp:17-118). Porto, Porto Editora.
- Glanz, Jeffrey, (2003). *À descoberta do seu estilo de liderança*. Porto, Edições ASA.

- Godson, Ivor F., (2007). Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In A. Nóvoa (org.), *Vidas de professores*(pp.63 -78). Colecção Ciências da Educação. Porto, Porto Editora.
- Godson, Ivor F., (2008), *Conhecimento e vida profissional – estudos sobre educação e mudança*. Porto, Porto Editora.
- Gonçalves, J. A. M., (2007). A carreira das professoras do ensino primário. In A. Nóvoa (org.), *Vidas de professores* (pp.141-119). Colecção Ciências da Educação. Porto, Porto Editora.
- Grácio, R (1977). *Os Professores e a Reforma do Ensino*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Holly, M. L., (2007). Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. In A. Nóvoa (org.), *Vidas de professores* (pp.31-62). Colecção Ciências da Educação. Porto, Porto Editora.
- Huberman, M., (2007). O ciclo de vida profissional dos professores. In A. Nóvoa (org.), *Vidas de professores* (pp.78-110). Colecção Ciências da Educação. Porto, Porto Editora.
- Lebrun, Marcel (2008). *Teorias e Métodos Pedagógicos para Ensinar e Aprender*. Colecção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Leite, C. (2005). Percursos e tendências recentes da formação de professores em Portugal. *Educação n.3* (57), pp. 371-389.
- Leite, Carlinda e Terrasêca, Manuela, (1991). *Ser professor/a num contexto de reforma*. Porto, Edições ASA, 3ª edição.
- Lessard_Hébert, Michelle, (1996). *Pesquisa em Educação*. Vila Nova de Gaia, Instituto Piaget.
- Lima, L. (1998). *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar*. Braga: IEP/Universidade do Minho.
- Llima, Licínio, (2006). *Compreender a escola - Perspectivas de análise organizacional*. Edições ASA, Porto.
- Lopes, Amélia, (2001). *Mal-estar na docência?*. Edições ASA, 1ª edição, Porto.
- Madeira, Ana Carla e Abreu, Maria Manuel, (2004). *Comunicar em ciência – como redigir e apresentar trabalhos científicos*. Escolar Editora, Porto.

- Maia, I. Margarida, (2008). *O Desenvolvimento Profissional dos Professores no Âmbito da Reorganização Curricular*. Coimbra, Livraria Almedina.
- Marujo, Helena Águeda, et al., (2006). *Educar para o optimismo*. Editorial Presença, 15ª edição, Lisboa.
- Marzano, Robert J., (2005). *Como organizar as escolas para o sucesso educativo – da investigação às práticas*. Edições ASA, Porto.
- Many, Eric e Guimarães, Samuel, (2006). *Como Abordar... a metodologia do trabalho de projecto*, Areal Editores.
- Maués, O. C. (2003). Reformas Internacionais da Educação e Formação de Professores. *Cadernos de Pesquisa*, (118), pp. 89-117.
- Mattews, P., et al., (2008). *AVALIAÇÃO INTERNACIONAL PARA O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO*. Lisboa, Ministério da Educação.
- Medeiros, Diana, (2004), *A Escola, os Livros e os Afectos*. Colecção Andarilho, Leiria.
- M.E., (2007), *PRESSUPOSTOS DE ENQUADRAMENTO DO PROGRAMA DA REDE ESCOLAR DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO E DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR*. Lisboa, Ministério da Educação.
- Monteiro, A. (1977). *Educação, Acto Político*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Montero, Lourdes, (2001). *A Construção do Conhecimento Profissional Docente*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Morgan, David L.(1993). *Successful Focus Groups – Advancing the State of the Art*. California, SAGE Publications.
- Nóvoa, António (1992). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: D. Quixote/Instituto de Inovação Educacional.
- Nóvoa, António, (1999). O passado e o presente dos professores. In A. Nóvoa (org.), *Profissão Professor* (pp.13-34). Colecção Ciências da Educação. Porto, Porto Editora.
- Oliveira, José H. B., (2007). *Psicologia da Educação. 2.Ensino/Professor*. Porto, Legis Editora.
- Kreuger, Richard A.; Casey, Mary Anne, (2000). *FOCUS GROUPE - A Practical Guide for Applied Research*. London, 3rd ed. Sage Publications.
- Paiva, João, (2007). *O fascínio de ser professor*. Lisboa, Texto Editores.

- Perrenoud, Ph. (1999). Formar professores em contextos sociais em mudança. *Revista Brasileira de Educação*. (12), pp. 5-21.
- Perrenoud, Philippe, (2000). *10 Novas competências par ensinar*. São Paulo, Artmed Editora.
- Perrenoud, Ph. (2003). *Porquê construir competências a partir da escola?*. Lisboa, CRIAP ASA Editores S.A.
- Pires, Carlos (2001). *A Administração e gestão das escolas do 1º Ciclo- As Comissões Executivas Instaladoras como Objectos de Estudo*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta (policopiado).
- Quivy, Raymond; Campenoudt, Luc (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa, Gradiva, 2ª edição.
- Rangel, Alexandre, (2006), *O QUE PODEMOS APRENDER COM OS GAN-SOS*. Brasil, Casa das Letras.
- Sá-Chaves, I. (2007). *Formação, Conhecimento e Supervisão – Contributos nas áreas da formação de professores e de outros profissionais*, (2ª Edição). Aveiro, Universidade de Aveiro.
- Sacristan, J. Gimeno, (1999). Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In. A. Nóvoa (org.) ,*Profissão Professor* (pp.63-92). Colecção Ciências da Educação. Porto, Porto Editora.
- Sanches, Mário, (2008). *Professores, novo estatuto e avaliação de desempenho*. Vila Nova de Gaia, Fundação Mário Leitão.
- Sarmiento, M. J.; Oliveira, J. M., (2005). *A escola é o melhor do povo*. Porto, Edições Profedições, Lda.
- Sampiere, R. H., et al., (2006). *Metodologia de pesquisa*. S. Paulo, McGraw-Hill.
- Seixas, P. (1997). *A Carreira dos Professores: Constrangimentos, oportunidades e estratégias*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Sergiovanni, Thomas J., (2004), “*Novos caminhos para a liderança escolar*”. Edições ASA, Porto.
- Silva, A. M. C. (2000). A formação contínua dos professores: Uma reflexão sobre as práticas e as práticas de reflexão em formação. *Educação e Sociedade*, XXI (72), pp. 89-109.

- Simões, Graça (2005). *Organização e gestão do agrupamento vertical de escolas*. Porto: Edições Asa.
- Simões, M. (2008). *Multileis - Legislação Escolar Interactiva*. Registo ASSOFFnº85-D95 Portela, Lisboa.
- Sousa, A. B., (2008). *Investigação em Educação*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Tracy, Sandra J., (2002). Modelos e Abordagens. In Júlia Oliveira-Formosinho (org.) *A Supervisão na Formação de Professores I. Da sala à Escola* (pp:19-92). Porto, Porto Editora.

LEGISLAÇÃO: Consultada e/ou referenciada

- Despacho nº 9745/2009 08-04-2009
Fixação do número de adjuntos do director para os estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.
- Portaria nº 604/2008 06-07-2008
Define as regras a observar no procedimento concursal prévio à eleição do director, nos termos do Decreto-Lei nº 75/2008, de 22 de Abril.
- Despacho nº 14759 28-05-2008
Criação da equipa de projecto de reordenamento e requalificação da rede escolar.
- Decreto-Lei nº 75/2008 22-04-2008
Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.
- Portaria nº 1260/2007 26-09-2007
Estabelece o regime do contrato de autonomia a celebrar entre as escolas e a respectiva Direcção Regional de Educação em regime de experiência pedagógica.
- Despacho nº 19 575/2006 25-09-2006
Tempos mínimos para a leccionação do programa do 1º ciclo.
- Despacho nº 16795/ 2005 -2005

Normas de funcionamento dos agrupamentos.

- Lei nº41/2003, 22-08-2003
Altera a Lei nº41/2003
- Decreto-Lei nº7/2003 15-01-2003
Princípios para a elaboração das Cartas Educativas.
- Despacho nº 13 313/2003 (2ª série) 08-07-2003
Concretização do processo de agrupamento de escolas.
- Decreto nº209/2002 -2002
Altera o Decreto nº6/2001.
- Decreto-lei nº241/2001 31-08-2001
Perfil do desempenho profissional do professor do 1º ciclo do ensino básico.
- Decreto-lei nº240/2001 31-08-2001
Competências para a docência do 1º ciclo do ensino básico.
- Lei nº 92/2001 20-08-2001
Aprova o regime de requalificação pedagógica do 1.º ciclo do ensino básico.
- Despacho Normativo nº 30/2001 19-07-2001
Estabelece os princípios e os procedimentos a observar na avaliação das aprendizagens no ensino básico.
- Decreto nº6/2001 18-01-2001
Novo Plano Curricular do Ensino Básico

- Decreto Regulamentar nº 12/2000 29-08-2000

Fixa os requisitos necessários para a constituição de agrupamentos de estabelecimentos de educação pré-escolar e do ensino básico, bem como os procedimentos relativos à sua criação e funcionamento.

- Decreto Regulamentar nº 10/99 21-07-1999

Regulamenta o regime de autonomia, administração e gestão aplicável aos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, aprovado pelo Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, estabelecendo as competências das estruturas de orientação educativa, bem como o regime de coordenação das mesmas estruturas.

- Lei nº 24/99 22-04-1999

Primeira alteração, por apreciação parlamentar, do Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio – aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, bem como dos respectivos agrupamentos.

- Decreto-Lei nº 355-A/98 13-11-1998

Aprova o regime de exercício de funções para os cargos de presidente do conselho executivo ou de director e de vice-presidente do mesmo conselho ou de adjunto do director do órgão de administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, bem como dos respectivos agrupamentos.

- Decreto-Lei nº 115-A/98 04-05-1998

Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, bem como dos respectivos agrupamentos.

- Despacho Normativo nº 27/97 02-06-1997

Regulamenta a participação dos órgãos de administração e gestão dos jardins-de-infância e dos estabelecimentos dos ensinos básico e secundário no novo regime de autonomia e gestão das escolas.

- Despacho nº 60/SEEI/96 19-11-1996

O presente despacho define as condições em que pode ser proporcionada a iniciação à aprendizagem de uma língua estrangeira, a que se refere o nº 1 do art. 5º do Dec.-Lei 268/89, de 29-8, no 1.º ciclo do ensino básico.

- Despacho nº 27/ME/93 22-03-1993

DEPARTAMENTOS CURRICULARES - a definir nas escolas que têm o novo modelo de gestão, no 2º ano do modelo.

- Portaria nº 921/92 23-09-1992

Estabelece as competências específicas das estruturas de orientação educativa no novo modelo de gestão escolar.

- Decreto-Lei nº172/91 10-05-1991

Criação das áreas escolares com órgãos de gestão comum.

- Despacho Conjunto 19/SERE/SEAM/90 06-03-1990

Escola básica fixada em nove anos.

- Decreto-Lei nº 43/89 03-02-89

Define quadro genérico orientador da Autonomia da Escola.

- Despacho Conj. nº 25/SERE/SEAM/88 02-08-1988

Actualiza normativos que regulamentam a organização das actividades escolares.

- Despacho Conj. nº 28/SERE/SEAM/88 04-04-1988

Apona as formas de organização dos agrupamentos horizontais.

- Lei nº46/86 14-10-1986.
Lei de Bases do sistema Educativo.
- Decreto-Lei nº46/85 22-02-1985
Criação das escolas C+S.
- Decreto-Lei nº 542/79 31-12-1979
Aprova o Estatuto dos Jardins-de-Infância.
- Despacho nº 40/75 08-11-1975
Gestão Democrática no Ensino Primário
- Relatório do Ministério da Educação de 13 de Dezembro de 2007

ANEXOS

ANEXO 1

Guião das Entrevistas Exploratórias

Tema: Somos agrupamento. E agora? Reflexos da criação de um agrupamento na profissionalidade docente.

Objectivo Geral: Conhecer o reflexo da criação do agrupamento, na profissionalidade docente.

Destinatários: Esta entrevista far-se-á a cinco informantes privilegiados.

TEMAS	OBJECTIVOS	QUESTÕES
APRESENTAÇÃO: Legitimação e apresentação do entrevistado (a).	<ul style="list-style-type: none">• legitimar a entrevista;• conhecer o perfil dos(as) inquiridos(as).	<p>✓ Informar sobre o tema e objectivos, solicitar colaboração, informar do anonimato e garantir informação sobre os resultados da investigação.</p> <p>a) Idade e sexo b) Categoria c) Tempo de serviço d) Cargo e) Papel desempenhado no processo.</p>
		<p>1. Como teve conhecimento da legislação sobre criação de</p>

<p>LEGISLAÇÃO/PROCESSO: Abordagem da legislação e das fases que aconteceram no processo.</p>	<ul style="list-style-type: none">• conhecer a legislação da criação dos agrupamentos;• elencar as fases do processo;• relatar a forma de participação do(a) entrevistado(a) nas fases do processo.	<p>agrupamentos ?</p> <ol style="list-style-type: none">2. Na sua opinião, que razões ditaram a criação dos agrupamentos?3. Em que fases do processo participou e que tarefas desenvolveu?4. Como sentiu o evoluir do processo na classe docente?
<p>BOAS PRÁTICAS: Diagnóstico da práticas docentes antes e depois da formação do agrupamento.</p>	<ul style="list-style-type: none">• conhecer as formas de trabalho dos docentes antes e depois do processo da criação de agrupamentos;• compreender as necessidades informativas e formativas dos docentes para responder a uma nova realidade organizacional.	<ol style="list-style-type: none">1. Como se podem caracterizar as condições materiais das escolas do 1ºciclo, antes da criação do agrupamento?2. Que metodologias eram aplicadas nesse contexto?3. Que necessidades formativas foram sentidas pelos docentes na fase de transição para agrupamento?4. Quais as condições materiais e pedagógicas que são oferecidas aos docentes

		no novo agrupamento?
<p>MOTIVAÇÃO: Conhecer as opiniões dos intervenientes sobre a motivação dos docentes para aderirem à nova forma de organização</p>	<ul style="list-style-type: none"> • conhecer as reacções perante apresentação de uma nova forma organizacional; • compreender as barreiras e dificuldades à implementação do processo; • conhecer as tarefas desenvolvidas pelos docentes no processo. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. De que forma os docentes reagiram à inovação? 2. Participaram activamente nas várias fases do processo de transição? 3. Sentiram necessidade de formação para enfrentar a nova realidade? 4. Foram críticos em relação à transformação operada? 5. E foram colaborativos?
<p>LIVRE: Opinião pessoal sobre o tema.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as opiniões sobre o processo em geral e a problemática pessoal em particular. 	<p>Qual a sua opinião pessoal sobre uma transformação organizacional e técnico-pedagógica e os reflexos na profissionalidade docente?</p>

ANEXO 2

COMUNICAÇÃO AOS DOCENTES

Caro(a) Colega:

Encontro-me, neste momento, numa fase de preparação da dissertação para o Mestrado em Supervisão e Coordenação da Educação, na Universidade Portucalese, necessitando, para este trabalho de investigação, de recolher alguns dados relativos ao envolvimento dos professores do 1º ciclo, na construção do agrupamento, recorrendo, para tal, à entrevista.

Para a realização deste estudo é fundamental a colaboração dos professores, dando-me a conhecer as suas opiniões acerca de temáticas como a intervenção na construção do agrupamento, os reflexos na profissionalidade ou as alterações no modelo de ensino e na planificação do processo ensino/aprendizagem.

Posso assegurar, desde já, que não será mencionado em circunstância alguma, a identificação dos professores entrevistados para o estudo. Também é garantida a absoluta confidencialidade das informações prestadas, sendo feita apenas uma análise de conteúdo das mesmas.

Reafirmo a importância da participação do(a) colega, enquanto entrevistado(a), sendo esta decisiva para a concretização deste projecto.

Com os meus agradecimentos,

(Professora do Q.N.D., Grupo 420 - Geografia, Agrupamento de Escolas de V. N. de Cerveira)

ANEXO 3

Exmo. Senhora:

Directora do Agrupamento Vertical de Paredes de Coura

Maria Margarida da Rocha Barbosa, professora do quadro de nomeação definitiva, do Grupo420 - Geografia, do Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Cerveira, a frequentar o Curso de Mestrado em Supervisão e Coordenação da Educação, na Universidade Portucalense, está a desenvolver um trabalho de investigação sobre o reflexo da criação do agrupamento na profissionalidade docente, orientado pela Doutora Cláudia Teixeira, docente da mesma universidade.

Tratando-se de um Estudo de um Caso, solicita a colaboração da Directora do Agrupamento, nomeadamente no que se refere à recolha de dados nessa escola.

A recolha de dados irá desenvolver-se durante o mês de Julho de 2009 e será efectuada através do inquérito por entrevista.

Requer autorização para desenvolver a supracitada investigação e aproveita para agradecer a melhor atenção de V. Ex.^a para este assunto.

Com os melhores cumprimentos,

Vila Nova de Cerveira, 27 de Julho de 2009

(Professora do Q.N.D., Grupo 420 - Geografia, Agrupamento de Escolas de V. N. de Cerveira)

ANEXO 4

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

EU: ... esta entrevista destina-se a um trabalho de Tese de Mestrado de Supervisão e Orientação Educativa para a Universidade Portucalense e já sabe que tudo aquilo que a aqui for dito, portanto é anónimo, fica sob o anonimato e os resultados só serão exactamente para serem analisados com vista a perceber, então, o reflexo da criação dos agrupamentos na profissionalidade docente. Eu. Agora gostaria, então que fizesse uma breve apresentação, com a sua idade, sexo, tempo de serviço, cargo e papel desempenhado no processo.

E1: Ora bem! Eu sou uma professora do 1º ciclo, trabalho à 34 anos, tenho o curso do Magistério Primário de Braga, não fiz nenhum...mais nenhum DESE. Tenho 51 anos, vou fazer 52, agora em Agosto, e vou pedir a reforma. Aqui, nesta escola desempenhei o cargo de Coordenadora, logo nos três primeiros anos que a escola abriu. Eh... nas outras... só trabalhei noutra escola...saí do Magistério e fui colocada noutra escola onde trabalhei 29 anos. Saí dessa escola para vir aqui para o agrupamento, para esta escola nova. Na outra escola trabalhei com mais duas colegas até uma média de 24 anos...depois...pelos 22 anos de serviço, o terceiro lugar foi extinto, ficámos só duas colegas, depois acabou por ser o segundo lugar extinto e fiquei sozinha.

EU: Com os quatro anos de escolaridade?

E1: Com os quatro anos de escolaridade, fiquei sozinha, com os 8 alunos, 4 anos de escolaridade e e alunos deficientes...e sem apoio absolutamente nenhum. Foi muito complicado, de facto para mim, porque eu não estava habituada a estar , não estava habituada a trabalhar com quatro classes, não estava habituada a ter os meninos deficientes, só à minha responsabilidade...porque eu tinha um surdo-mudo, tinha uma menina deficiente física que se, para nos deslocarmos tínhamos que usar uma cadeira de rodas e tinha uma miúda com paralisia cerebral que caminhava e falava normalmente, mas que fazia muito poucas aprendizagens. Ajudou-me muito, nessa minha...nessa minha estada nessa escola, nesse último tempo, a educadora que disponibilizava...eu recusei-me a abrir o correio, porque

não tinha mais ninguém. Eh... ainda manifestei a minha... o meu sentir, a minha maneira de estar à DREN, para a DREN... mas não foi possível colocarem lá ninguém para me ajudar, no entanto, recebi muito apoio da educadora. A educadora todos os dias, no final do trabalho dela, passava à minha escola, que...eram o quê... 10 metros, ela passava e abria o correio e fazia o arquivo *** e pronto.

EU: E então, portanto, como é que teve conhecimento da legislação sobre a criação de agrupamentos?

E1: Ora bem... ainda não havia os agrupamentos, ainda as ideias não tinham surgido, e nós, no nosso...no nosso FOCO...havia as acções de formação e nós já planeávamos e fazíamos acções de formação numa possível concentração de escolas...pelo menos...

EU: Tentarem unir esforços?

E1: Pelo menos agrupar-mos 2 ou 3 escolas no concelho e quais as possibilidades que havia de realizar de juntar-mos 2 ou 3 freguesias até fazer-mos intercâmbio...hoje...hoje ir-mos todos para esta escola, estar-mos lá uns dias...depois fazer-mos a troca e íamos para outra, por causa do mau ambiente...de isto... Nós até comparávamos isso com o que se passou com os padres de anexarem as freguesias e a rivalidade que havia... o padre vivia numa aldeia e tinha as outras duas que estavam anexas, ou três... e que depois, naqueles primeiros tempos, eu lembro-me que as pessoas se sentiam, muito revoltadas por isso... e nós dizíamos que não podia acontecer o mesmo connosco...se se fizesse isso...então como é que teríamos de resolver a situação. Davam-se ideias...e fizemos acções de formação e uma acção de formação muito engraçada, que eu gostei muito e que nós depois, até apresentamos à comunidades das redondezas – Arcos, Barca, Ponte de Lima, ...talvez Valença e Monção e Melgaço, vieram aqui, depois, ver a exposição. Nós, nesse trabalho idealizámos, no concelho duas escolas, uma na parte norte e outra na parte sul...isto...claro...

EU: Já era a ideia do agrupamento!?

E1: Já era a ideia de agrupamento...e depois...pronto...quando...

EU: Mas, então quer dizer... é porque havia razões que estavam na origem...

E1: Pois...nós no princípio íamos com este problema das pessoas...se tinham 4 classes...eh...às vezes 1 aluno numa classe, outro aluno noutra, 4 ou 5 noutra. Eu não senti bem isso, porque eu tive sempre o mínimo... foram sempre 16 alunos. Mas havia colegas a trabalhar com 1 aluno. Realmente isso era desmotivador. Elas diziam que... realmente que é isto?...isto não tem jeito nenhum...a gente com 1 aluno o que faz?... 2 alunos, 3 alunos...havia várias escolas... a maior parte das escolas do concelho tinham menos de 10 alunos...e nós começamos a... havia aqui um grupo de pessoas naturais de cá e que trabalhávamos todos...queríamos o melhor para o nosso concelho e pensámos em tudo isto...e como solucionar isto? Então pensámos e na altura preocupamo-nos em fazer duas escolas: a escola da parte de baixo do concelho e depois o número de alunos realmente começou a baixar e...pensámos que a escola do lado de baixo do concelho, do lado de baixo do Rio Coura, como nós dizemos, que a parte de cima da margem que fica para a parte de cima e outra mais para a parte de baixo. Eram professores... era onde se notava a maior mobilidade de pessoal docente, e então esses professores, não estavam cá, iria ser tudo gente nova, só estaríamos dois ou três professores efectivos e teríamos medo, muito medo disso. E depois, também achávamos que quando realmente se partiu para a concentração que duas escolas para trezentos e tal alunos que era um investimento talvez muito grande, e que não ...

EU: Não justificava?

E1: Não justificava esse investimento e, portanto, o de ter surgido só um centro escolar.

EU: E então, quando... quando foi o processo de criação aqui do Centro Escolar, que papel é que teve?...Já que tinha essas ideias...

E1: Não tivemos muito papel...A autarquia não nos ouviu. Já conhecia muito bem o que é que nós pensávamos, o que nós queríamos, mas quando foi da concentração, não nos ouviu. Nós achámos que esta escola tem determinados defeitos, que poderia não ter, se os professores tivessem sido escutados e não foram. Foi um dos grandes erros que a autarquia cometeu, de não auscultar os professores.

EU: Portanto, a classe docente não foi incluída no processo?

E1: No processo da construção física do edifício, porque o edifício tem determinadas falhas que ...?... Por exemplo, nós temos uma sala da unidade especializada para os meninos deficientes, e a escola não contemplou esta área. A escola foi criada e não houve nenhuma sala adaptada depois para este fim, mas não existe nenhuma sala que tivesse sido construída de raiz, com esta finalidade. Portanto, nós depois adaptamos uma salinha, que é muito pequena.

EU: Então pode-me dizer quais eram as condições materiais das escolas do 1º ciclo, antes da criação do agrupamento? Ou que condições é que vocês tinham?

E1: As condições que tínhamos antes da criação do agrupamento eram: um quadro preto, uma caixa de giz e uma esponja, e pouco mais! Pois havia escolas que tinham muita coisa ...posso dizer que tinham muita coisa. Mas era fruto do trabalho dos professores. Não era fruto do investimento do Ministério. Era fruto do trabalho dos professores. Escolas onde trabalhavam...eu estive 29 anos naquela escola, portanto eu lutaram tudo por tudo para ter as melhores condições. Não eram as melhores condições físicas, porque não eram...eram as escolas do tempo de Salazar, dos planos centenários, e eu lutava para que ela tivesse as melhores condições para os meus alunos ... e assim havia muitas no concelho.

EU: E em termos de metodologias, que metodologias é que eram aplicadas?

E1: Em termos de metodologias, geralmente era o analítico-centésico que toda a gente usava, que é o método que os professores mais usam, no entanto eu tive várias experiências, na minha vida profissional, na....., tivemos um trabalho...fizemos um trabalho que de grelha, que é um projecto de ensinar a investigar...não sei se conhece, e implementámos a escola por artes. Como éramos três professoras, tínhamos duas salas, dividíamos o trabalho dos alunos em duas fases, e éramos nós que nos movimentávamos de sala em sala. Tínhamos um horário em que distribuímos as horas de Português, Estudo do Meio, Matemática...eu era responsável na área de Matemática aos quartos anos; tinha outra colega que era responsável pela área de Estudo do Meio e tinha outra colega responsável pela área do Português.

EU: Foi sempre adepta de inovação?

E1: Sempre...e de experimentar; e adorei este trabalho; tivemos a ajuda da nossa inspectora Vera, que muito nos ajudou a implementar-mos; ele também achava que deveríamos fazer isso, implementar; e conseguimos implementar entre todos...foi um trabalho muito bom, em que nos sentimos muito realizados, as três professoras.

EU: E não âmbito da formação, não sentiu necessidade de diversificar a formação contínua?

E1: Isso...nós... eu frequentei, as minhas colegas fizeram o DEC?, em Viana; eu não fiz porque foi no ano em que eu fiquei sozinha, com os 8 alunos e eu não me sentia com capacidade para ir para Viana todos os dias e estar na escola. Eu, nesse ano, eu sempre trabalhei, sempre dei muitas das minhas horas, do meu dia à escola, até porque eu vivia na aldeia onde trabalhava, posso dizer que leccionei 29 anos na escola onde aprendi o *a,e,i,o,u*, eu aprendi lá o *a,e,i,o,u*, e trabalhei lá muitos anos. É uma excepção, também sei que sou uma excepção à regra, mas foi verdade. Eu sempre dei muito da minha vida e então naquele ano eu fui obrigada a dar muitas horas, do dia à escola para conseguir trabalhar com aqueles oito meninos, com aquelas crianças deficientes que exigiam muito de mim, não com a menina de problemas físicos...essa era uma menina que aprendia normalmente, e que tinha muita ajuda das colegas, quer dizer que não gastava muito do meu tempo para essa menina, porque as colegas, as coleguinhas sempre se encarregaram de ir com ele à casa de banho, que ela tinha necessidade, porque eu não tinha funcionária, não tinha casa de banho adaptada para ela, portanto era preciso, sempre que ela quisesse ir à casa de banho colocá-la lá e ajudá-la a subir, por que não tinha um braço, não tinha pernas, e portanto era difícil. De resto era uma menina muito desenrascada, ainda hoje é muito desenrascada, é uma menina que faz tudo, era uma menina que recortava melhor na sala, a nível dos anos todos. Nessa altura trabalhei muito, globalmente, com os quatro anos e depois é que partia para cada um com a sua actividade, mas tive uma ajuda extraordinária dos miúdos do 4ºano, foram espectaculares, ajudavam-me imenso, a que eu ...sempre muito atentos...tinha um miúdo que era muito inteligente, que acabava os trabalhos com muita rapidez e estava sempre pronto para trabalhar com os meninos do 1ºano, a fazer de professor; corrigia os trabalhos, ajudava, dava aulas, ponha-os a ler individualmente, era uma maravilha.

EU: E depois com a criação do agrupamento, há uma transformação total? A nível das condições materiais, a nível da parte pedagógica...

E1: Total. Na parte pedagógica, penso que não. Cada professor veio para aqui e trazia o seu método de trabalho, ...mas já estávamos habituados a juntarmo-nos muito, e a trabalharmos já muito em conjunto, porque nós já tínhamos muitas actividades em que a Câmara nos proporcionava vímos para a vila, em concentrarmos actividades muito em conjunto, aqui na vila...fazíamos muita partilha com as freguesias vizinhas; nos Conselhos escolares, onde íamos várias escolas, e portanto quando viemos para cá, não foi assim tão, tão difícil. O que foi mais difícil para mim, e eu notei isso depois quando fui Coordenadora dos colegas, era o termos deixado os nossos meninos. Nós vínhamos da nossa escola, e tínhamos os nossos meninos e chegaram aqui e os meninos foram repartidos, porque aqui deixamos de ter vários anos, para passamos a ter só um ano. Então eu via os meus meninos...2 numa sala, 3 noutra, 4 noutra e 5 noutra e isso é que foi o maior problema para os professores. Era os meus meninos estarem repartidos, estarem por várias salas...Até era muito engraçado também; a preocupação dos professores em irem a esta sala ver se os seus meninos estavam bem, irem àquela ver se os seus alunos estavam bem, irem àquela...Porque os meninos quando chegaram vinham agarrar-se aos professores, e depois tinham que ir para aquela sala sem o professor, e para aquela, para aquele grupo...era giríssimo, a maneira, isto no primeiro ano...A nossa relação aqui dentro foi muito ... porque era isto...era o professor a tentar proteger e a dizer àquele colega – olha que tens aqui estes meninos que são meus, tens aqueles 3 que são meus e não sei quê...e era aquela coisa...olha esse menino é problemático...Nós a transmitirmos aos colegas, a quereremos supervisionara...

EU: E o contacto com tanto material, com tanta novidade...

E1: Não foi nada difícil. E não foi nada preocupante e não foi o que chamou mais a atenção. O que...esta era a posição dos professores, esta maneira de estar; e depois os meninos ...essa é que foi difícil, porque...O que é que aconteceu? Aconteceu que cada aluno vinha da sua escola, com 1,2,3, 5 no máximo...eram os melhores na sua classe...então quando havia um sozinho, era o melhor. Ao ser integrado numa turma tiveram que se confrontar com os colegas de outras escolas, alguma que até já tinham dado outra matéria, outros mais atrasados,;

mas havia meninos que sentiram muita dificuldade , porque havia na sala melhores alunos que eles.

EU: Daí o papel dos professores a ter que ser adaptado...

E1: ...alguns choravam...depois era os papás que vinham dizer que o menino não queria vir para a escola...e a contarem-nos isto...os meninos diziam...porque na minha turma há meninos que já sabem a tabuada do dois, e do três e eu não sei! Porque não tinha aprendido...Esta confrontação ...

EU: Mas então em termos dos docentes a reacção , a esta inovação, ao agrupamento em si, acha que foi uma reacção positiva?

E1: Foi positiva e normal, porque todos os professores eram conhecedores de tudo isto, do processo. Da construção da escola, de quando vamos mudar...aí para o ano não vamos, vamos para o ano a seguir...Porque havia muita gente que era aqui do concelho. Lembre-se que Há dois anos reformaram-se, só 9 professores, daqui...só há 2 anos atrás os que trabalhavam aqui, eram daqui. No ano anterior também , se reformaram uns 3 ou 4...A grande percentagem de professores era courenses, era gente de Coura. Portanto, a construção da escola, o nós virmos para cá não foi novidade, foi um processo que nós próprios ajudamos a criar.

EU: Portanto, se certa forma tiveram uma intervenção activa?

E1: Tivemos intervenção activa. Nós só não tivemos intervenção activa, na parte da construção física; na preparação pedagógica da escola, nós no ano anterior fizemos uma acção de formação de um projecto do que é que nós queríamos para a nossa escola? O que é que nós queremos para a nova escola? O que é que nós queremos e como é que nós queremos trabalhar? Nós fizemos isso, nós apresentamos à autarquia, ao agrupamento, ao Conselho Executivo, os finalmentes de tudo isto que nós queríamos, e como e porquê...Nós estávamos muito bem por dentro de tudo isto.

EU: E houve alguns críticos?

E1: Houve muitos críticos, até porque ...os pais eram muito críticos; os pais tinham medo da concentração. E aí, a autarquia pediu-nos e nós fizemos reuniões

individuais, no ano anterior, em cada escola, a esclarecer os pais, de como ia ser a funcionalidade da escola. Por que, os pais, a maior preocupação deles, não era os meninos vir para a vila, para virem para a escola; eles, isso não os preocupavam, e sabiam que iam estar bem, e não lhes iam faltar nada, e tudo o mais. Eram os transportes...a maneira como os meninos iam ser transportados, para aqui, para esta escola,; o maior problema deles estava aí. Os transportes...os transportes, como? Porque eles pensavam que e nunca acreditavam que ia haver carrinhas pequeninas que tinham 12,9,10, 20 lugares, que fizessem a recolha e trouxessem. Eles sempre pensaram que os meninos vinham no transporte da EB2,3,

EU: Houve mais barreiras com os encarregados de educação, do que com os professores?

E1: Com os professores não houve barreiras, houve aceitação; e, quem não era muito de acordo, acabou por ver que realmente...quer dizer, quem vinha assim um pouquinho apreensivo, que as coisas não iam correr bem...não ; os colegas que vieram novos, chegaram aqui, e isso é uma coisa que tenho de salientar, a gente que vem nova, não trás barreira, chega cá e ouve a opinião dos professores mais velhos, e sempre aceitaram muito bem, e naquilo que a gente apresentar e planear e ...

EU: E os que chegam cá de novo, gostam do espaço, gostam de tudo o que está aqui dentro?

E1: Gostam...gostam. Gostam do espaço, gostam do edifício, gostam dos meninos, gostam do trabalho, são colaboradores, são activos...

EU: E as condições que lhe são oferecidas, gostam? Permitem-lhes um trabalho talvez diferente...

E1: As condições que lhe são oferecidas gostam...sim ...talvez e pronto...e os professores, pronto, aqueles que se sentiam isolados...eu penso que esta gente nova não sente isso, porque já sai com outra preparação, e já é desta época. Nós é que somos da outra época. E eu, por exemplo, eu da escola de...comecei a trabalhar em 75, no 25 de Abril. As nossas mentalidades é que tiveram que mudar muito...ainda hoje. Nós é que temos que dar uma volta, muito grande nas nossas

cabeças...penso que esta gente com vinte, 18, 20 anos têm que dar uma volta muito grande; esta gente nova, não, já vem preparada para tudo, já são da era do computador, isto para eles é...já gostam de pegar nos computadores e irem para a sala de aula, e montar aquilo tudo e pronto, lá vão para a aula...

EU: E já agora, como foi com os Magalhães?

E1: Os Magalhães

EU: E para terminarmos a entrevista, eu gostaria de saber a opinião pessoal sobre a transformação organizacional técnico-pedagógica e os reflexos na profissionalidade docente? E, se calhar o Magalhães é qualquer coisa que também interferem em tudo isto? Não só no agrupamento...

E1: O Magalhães interfere em tudo isto...nós, a nossa escola tem uma sala de informática, tem uma sala de informática com 20 computadores, em que desde o início foi elaborado um horário; o aspecto organizacional da escola, aí é que muda e é que mudou...e isso é onde os professores mais velhos, lá está, sempre os mais velhos, sentem mais dificuldade. Porque é assim...aqui, nesta escola, temos 16 turmas, já tivemos 17; mas só temos 16 salas de aula. Quando tivemos 17 turmas, haviam, foi ao 4ºano que tocou, havia...funcionava com um horário tipo 5º,6ºano; os miúdos é que rodavam...tinham Português...aqui nesta escola tem que haver obrigatoriamente horário estipulado; cada professor tem um horário, porque para termos TIC, para termos determinadas actividades, EVT, em que temos acompanhamento dos professores do 2ºciclo, para termos Educação Física nas extra curriculares; já tivemos incorporadas entre as curriculares durante o dia, mas nós achamos que essas actividades devem ser, depois das três e meia; até as três e meia o que é de mais de disciplinas de estudo, as crianças estão mais aptas a receber mensagem nova e depois das três e meia, essas actividades como Educação Física e natação, sempre nas extracurriculares. A parte musical, também na extracurricular, a dramática também, apesar dos professores, quando sentem necessidade e querem e terem direito a dinamizar dentro da sala de aula ...a parte pedagógica, cada professor é responsável por ela. Ninguém interfere na parte pedagógica, na maneira de actuar de cada um...cada um dentro da sua sala é rei e senhor com os seus alunos se organizar e fazer o melhor possível. No entanto, eu sei que há meninos que queriam passar 3 e 4 horas no computador,

mas não pode ser, porque todos temos que ter esse direito; portanto há um horário estipulado para que todos os professores, para que todos os meninos tenham...que aí é que é diferente das outras escolas...têm a mesma oportunidade que foi, acho que o de melhor que esta escola trouxe, foi a mesma oportunidade para todos os meninos do concelho. Porque antigamente, eu ia se queria, os meus alunos...ai vamos fazer uma visita de estudo ...era a escola que organizava, cada uma; vamos à praia, se achava bem, era a escola que organizava. Havia algumas escolas que aderiam, havia aquelas que não aderiam; aqui, não...aqui a oportunidade é para todos., quando vamos, vamos todos, quando ficamos, ficamos todos. Quando fazemos isto fazemos todos; portanto nada ...não há aquela diferença...ah porque a freguesia tal, os meninos não participaram naquela actividade...ai porque na freguesia tal não participou naquela actividade...Não...aqui, agora isso acabou; as oportunidades são iguais para todos; os meninos têm todos a mesma oportunidade. E nessa parte da organização, a vinda dos professores do 2º ciclo e 3º e secundário à nossa escola também foi muito bom, porque eles custou-lhes muito a adaptarem-se, a virem, mas foi muito bom. Porque agora acabou...no concelho de Coura acabou...ah porque este menino chega mal preparado, porque foi o professor do 1ºciclo que mandaram de qualquer jeito e feito, e não sei quê. Não...eles, agora como vêm aqui, dar e orientar determinadas actividades, eles sabem muito bem quais são os problemas, dos alunos do 1ºciclo. O 1º ciclo é um grupo de crianças totalmente diferente dos outros ciclos. Nos outros ciclos, os meninos já são mais autónomos, são independentes, já se sabem...já sabem gerir muito bem o seu tempo...aqui não. Aqui somos nós...quantas vezes acaba, toca para a entrada e se o professor não diz – meninos, vamos embora – estão tão divertidos a brincar com os carrinhos, a jogar na areia, na terra, eles a jogar à bola...que a campainha tocou, que já têm que ir, e depois é o primeiro toque, e depois é o segundo, porque nós ...o espaço exterior não é muito grande; nós recreios...temos o 1º e o 2º ano geralmente saiem às dez e meia, e entra às onze, e depois toca às onze para entrar o 1º e 2º, sai o 3º e 4º e é que vem fazer o recreio. Porque já tentámos várias maneiras e achamos que é melhor, porque senão é muita gente junta, e depois o pessoal auxiliar não é assim tanto para ajudar...apesar que os recreios é supervisionados pelos professores. Os professores são responsáveis pela supervisão dos recreios. É da responsabilidade deles estarem no recreio com os meninos. No entanto, os meninos é preciso chamar à

atenção, porque eles esquecem-se que já tocou ...de entrarem, e não sei o quê...assim como o horário da cantina...uns saiem ao meio dia para almoçar, outros, 3ºe 4º ano saiem à uma. Uns entram às duas, outros entram só às duas e meia. Quem saiu à uma entra às duas e meia. E já viu, os professores têm que estar muito atentos e têm que estar...os meninos do 1ºano, por exemplo, é uma coisa engraçada; eles vêm habituados das escolas deles, dos jardins de infância, ter grupinhos de 15, de 10, máximo 25...chegam aqui e são 80, 100 meninos ligo no 1ºano. Até ao Natal, quase não saiem das salas; a maior dificuldade dos meninos é o barulho; é adaptar-se ao barulho; eles sentem muita dificuldade e dizem mesmo – professora eu não quero ir, está muito barulho. Eles sentem muita dificuldade nisso. E eles até ao Natal não largam a professora; a professora tem que os levar à casa de banho, e tem tantas portas e tantas janelas e têm medo. Eles não querem ir ao recreio porque têm medo, não saiem da beira da professora. Porque são meninos com 6 anos, alguns com 5 anos, vêm superprotegidos dos jardins de infância porque têm uma educadora e uma auxiliar só para eles; Chegam aqui e como è? Não é de Junho a Setembro que as coisas mudam na cabeça das crianças. É com o tempo que nós vamos ajudar estas crianças a tornarem-se independentes, mais adultos...até ao Natal custa-lhes muito a adaptarem-se a esta vida totalmente diferente. Eles não largam a professora...a professora tem que ir para o recreio, a professora tem que ir para a cantina, a professora tem que estar no intervalo, a professora tem que estar no acolhimento, logo de manhã, que eles chegam aqui...alguns chegam às oito horas, os pais têm necessidade de os deixarem às oito, e eles são entram às nove; eles quando chegam estão sempre atentos nas janelitas a espreitarem quando a professora chega; quando vêm vêm logo; os professores vem fazer o acolhimento, estar ali no polivalente, realmente ali é barulhento, quando os meninos estão é barulhento, e eles...à aqueles que choram, quando vem a professora, se os professores são diferentes agarram a professora deles; eles logo no primeiro dia agarram-se à professora, a professora é tudo para eles e tem que os acompanhar. O professor desde que entra, até que sai, tem que estar as horinhas todas a -.....

EU: Quer acrescentar mais alguma coisa?

E1: Faça o favor de perguntar...

EU: Não...acho que já consegui transmitir aquilo que era importante saber sobre a criação, o antes e o depois, e o que parece que de bom ...

E1: Eu posso dizer que eu sempre fui a favor da concentração. Eu sempre gostei de modificar...eu não consigo... nestes últimos 5 anos não tiveram turma. Os primeiros 3 anos estive como coordenadora, não tinha turma, depois de seguida fui operada e eu não ...Há 5 anos fui operada à tiróide e fiquei com um problema de voz, que se tem vindo a acentuar; por acaso hoje até estou com uma voz muito boa, mas geralmente não tenho voz e não consigo falar. E eu não consigo falar mais alto que isto. Eu tenho muita dificuldade...eu só tenho uma corda vocal depois da operação que eu fiz, já fiz terapia da fala, várias coisas...Eu por falta de não me esforçar muito, estive estes dois anos em apoio, estava no apoio aos meninos, trabalhar com um grupo mais pequenino, ou dentro da sala ou fora da sala, conforme a necessidade...Mas, é assim: eu acho que a concentração foi boa e eu sempre fui apologista da concentração; e o que eu queria dizer, que eu quando tinha, quando estava na minha escola, na minha sala, eu tenho que ter as mesas e as cadeiras muitos dias seguidos na mesma posição. Eu tenho que dar reviravolta, para um lado, para o outro, e então...eu sempre gostei de modificar as coisas, e sempre fui a favor e sempre frequentei as acções de formação possíveis e imaginárias, aqui no concelho e fora do concelho, em Viana, e em Braga e em Ponte de Lima, e tudo o que achava que era bom sobre deficiência, sobre crianças com problemas, sobre...eu tive um menino surdo-mudo Há vinte e não sei quantos anos e hoje sinto-me muito bem que ele está na universidade, mas que nunca tive ninguém ...olha, é assim, é assado que se faz; com este aluno sempre fizemos o melhor; aprendei a ler e a escrever pelo Jean qui ri, eu não conhecia um método próprio para ele, e como o Jean qui ri funcionava pelo gesto, ele aprendeu a ler pelo gesto; então, quando éramos as três colegas que estávamos na mesma escola, tínhamos uma colega que era muito paciente e então era ela que fazia o gesto ...eu nunca me esquece que eu ditava, fazia um ditado, por exemplo, estava a ditar ...o menino sempre esteve integrado na classe, no ano a que pertencia e então eu fazia o ditado para o Fernando, ao mesmo tempo que eu ditava, a colega fazia os gestos e o Fernando escrevia normalmente, com alguns erros, e tal, mas isso é normal, conforme o gesto...eu ditava e a colega fazia os gestos e ele percebia logo. E foi muito bom o resultado que aquele aluno teve ...ele era bastante inteligente, e pronto. Agora, o que é que aconteceu, que eu

apresento como não positivo para a concentração? É realmente as crianças saírem muito cedo das colegas, porque elas começam...os transportes começam a recolhê-los por volta das oito e pouco da manhã e depois só chegam novamente à aldeia por volta das seis e tal, seis e meia...algumas das mais longe chegam às sete menos vinte, sete menos um quarto; e as pessoas mais idosas dizem que têm saudades de ouvirem os gritos das crianças, porque as crianças só são vistas no fim de semana; é verdade, eles saíem de manhã e chegam a casa à noite, tanto tempo... e ninguém houve as crianças; e aquelas pessoas que passavam perto da escola, ou geralmente a escola até estava no centro da freguesia, e quando as crianças brincavam as pessoas diziam ai os meninos estão no recreio, e diz que ouviam, não viam, ouviam as crianças a brincar ...não sei se ouviam, se não ouviam...depois, também o intercâmbio que havia entre a escola com a comunidade; eu, na minha escola propriamente dita, eu tinha na hora de Trabalhos Manuais, um grupo de 2 velhinhos, duas avozinhas como nós chamávamos, que vinham à escola fazer trabalhos, ensinar-nos a fazer bonecas de trapos, a fazerem...a construírem os carrinhos com as latas das sardinhas, as bonecas com os pauzinhos; ajudavam a fazer muitas coisas e até nós fazíamos muitas exposições para fazermos dinheiro para comprarmos coisas e não sei quê...e então fazíamos umas feirinhas e essas feirinhas tinham a participação dos nossos avozinhos que nos vinham ensinar a bordar ponto de cruz; depois tínhamos lá uns trabalhos manuais e ensinávamos os meninos a fazer o ponto de cruz ...e tudo isso era uma abertura à comunidade que hoje não temos. Isso foi extinto, apesar que nós quando chamamos os pais à escola para nos ajudar, aqui mesmo nesta, em algo, em determinadas actividades, temos colegas que aproveitam os pais para virem à sala de aula darem uma aula disto, daquilo, os pais vêm, são muito comunicativos e muito participativos. Nós não temos razão de queixa; no entanto, a nível da aldeia, da própria comunidade a que o menino pertencia, isso acabou. Nós tínhamos um projecto em que nós apontávamos que as extracurriculares deviam ser nas aldeias e não aqui. Aproveitar as escolas velhas e as crianças às três e meia irem para a sua comunidade e terem lá alguém responsável que depois dinamizasse a actividade até às seis e meia e depois só a essa hora os meninos irem para casa. Para aquelas que tinham necessidade, que não tinham os avós, ou os tios que tomassem conta deles até os pais chegarem ...Não foi possível, não sei

se ainda irá ser possível, o que é que irá acontecer ...Espero que um dia isso venha a acontecer, que os meninos vão mais cedo para as aldeias...

EU: E voltarem a ser integrados ...

E1: Serem integrados...eu não digo em todas, mas duas ou três escolas ...à segunda ou à terça ser nesta freguesia, à quinta...

EU: Para conseguirem ter uma maior relação com o meio ...

E1: Com o meio, com a comunidade a que eles pertencem; eu espero que isso ainda venha a acontecer e eu que ainda seja viva para ver!

EU: Obrigadíssima pela colaboração.

E1: Não tem nada que agradecer .

ENTREVISTA 2

EU: Esta entrevista vai servir para a realização ou consecução de um trabalho que eu estou a fazer em termos de Mestrado e o objectivo é saber até que ponto é que houve reflexos na profissionalidade docente, com a criação do agrupamento, e para isso, antes de mais, eu gostava que fizesse uma breve apresentação, dizendo a sua idade, categoria, tempo de serviço e sobretudo o papel desempenhado no processo.

E2: Sou professor do 1ºciclo, quando vim para o agrupamento...na Delegação Escolar fui quadro administrativo na Delegação Escolar vários anos, depois num momento de vida o que era Delegado Escolar passou para vereador da Câmara e passei eu...fiquei eu com o cargo de Delegado Escolar, que naquela altura já não nomeavam delegados escolares ...fiquei com o cargo também de subdelegado, mas a dirigir a Delegação Escolar. E depois foi criado a partir daí o primeiro agrupamento, que era o agrupamento horizontal, Território Educativo de Coura, que é o mesmo nome deste agrupamento vertical que ficou com o nome do horizontal. Na DREN tinham dito que ficava o do horizontal. Eu fui um dos criadores do primeiro agrupamento horizontal e fui Presidente do Agrupamento, três anos. Um ano na Comissão Instaladora e dois anos como Presidente do agrupamento horizontal. Entretanto a lei mudou e a DREN, as DRENS, formou os agrupamentos a nível de país, e como nos outros concelhos passou para um agrupamento vertical. E aí em consonância entre as duas Comissões executivas, quer a comissão que eu presidia, quer a Comissão da Escola EB2, 3 de Paredes de Coura que era a professora C.....que naquela altura estava a presidir, entendemo-nos e houve eleições porque tinha que haver, mas alista quando partiu para a eleição da primeira Comissão Instaladora já tinha havido entendimento entre as duas comissões. Uma colega do 1ºciclo, que estava comigo, não quis ficar, de qualquer maneira também ia sair mesmo que não tivesse havido esta junção do agrupamento; do horizontal passei eu e uma educadora e ficaram os três elementos que eram da comissão da EB2,3,S – A pró C..., e mais as duas colegas. Portanto, nós lá éramos 5. A professora C. ela tinha a parte do secundário, estava mais à vontade, tinha o 2º e 3ºciclo, o 1º ciclo tinha outro problema, apesar de ter entendi-

mento já dos outros ciclos. Ficou ela a presidir e fiquei com a vice-presidência, até à minha aposentação, estive dois ou três anos.

EU: E quando estava na Delegação Escolar como é que foi surgindo a legislação, como é que teve conhecimento da legislação para a criação dos agrupamentos?

E2: Nós tivemos conhecimento hierárquico, pela DREN, pelo Ministérios, pelas Direcções Regionais, pelo CAE, primeiro pela Direcção Escolar, e depois quando as Direcções Escolares terminaram e passou a só ser o Centro de Área Educativa, que só dirigia o pré-escolar e o 1ºciclo, que no início também havia o Centro de Área para o 2º,3º e secundário, e as Direcções escolares dirigiam o 1ºciclo e o pré-escolar. Após a extinção, na altura extinguiram as Direcções Escolares, passou para o Centro de Área Educativa e ficou o Centro de Área Educativa para o distrito e com os ciclos todos, ou seja, do Pré ao Secundário. Portanto a legislação, eu estava na Delegação e depois no primeiro agrupamento ...mas agora voltando um bocadinho atrás, nós aqui no concelho, quer com umas jornadas que tínhamos tido aqui à uns anos, em Setembro, quando havia as jornadas pedagógicas e daí começou a crescer a ideia de uma concentração de escolas. Primeiro partiu-se da base de duas concentrações de escolas, dividia-se o concelho em dois, com a parte de baixo, as freguesias que fazem fronteira com Valença e com Cerveira, e a parte de cima com a Cabração, os Arcos, dois grupos...Partiu-se daí com o objectivo do pré-escolar e 1ºciclo; Já havia agrupamentos; um dos primeiros a nível do país, foi dos Arcos de Valdevez, foi o primeiro a ser lançado como experiência; eu tinha conhecimento e ia lá várias vezes, e pelo Ministério, e nós aqui fomos os primeiros a avançar. Entretanto esse estudo foi elaborado pela Câmara, por professores, com pais, com várias entidades daqui; e quando foi essa formação na elaboração de dois centros escolares. A autarquia participou para a Direcção Regional, só que aquilo, por razões políticas, ou...Há quem diga que sim, naquela altura o governo era PSD e a câmara era PS, ou vice-versa e há sempre estes choques, às vezes que não devia haver, nem na saúde, mas simplesmente existe, e todos nós sabemos, e escusamos de estar a esconder, este projecto de Paredes de Coura esteve um bocado parado na Direcção Regional. Andava-se a passo de caracol; entretanto aquele centro escolar de Pomares, em Melgaço, que abriu primeiro, que reunia aquelas crianças da serra, de Castro Laboreiro, Soajo, aquelas escolas dali, e só depois passado muito tempo é que

este começou a avançar, a DREN começou a dar luz, com os técnicos, com os técnicos da câmara. A autarquia que a patrocinou...

EU: E porque é que razões estavam na base de eles depois darem luz verde. Portanto, e apoiar a criação do agrupamento?

E2: Quando se começou a falar já muitos dos centros escolares, houve mais uma abertura, e entretanto passou-se a ver que nas aldeias do interior, o número de alunos passou a ter uma redução drástica; nós aqui em 2000 tínhamos poucos alunos; eu quando vim para cá tínhamos diminuído, e depois em 2000/2001 tínhamos 327 alunos; portanto, foi o ano que isto foi mais ao fundo em todo o concelho. Havia escolas com 2 alunos, com 3 alunos, com 4 alunos, com 5 alunos, e nas freguesias, as escolas eram muito pequeninas; a maior era aqui do centro da vila tinha 4 professores, não era muito grande, tinha 4 salas, ...e é aí que o governo começa a falar em agrupar e muito mais....e a autarquia, como já tinha o projecto, as ideias, começou a avançar mais, entretanto a Delegação acabou, começou-se a falar nos agrupamentos, nós avançamos...

EU: Então que tarefas desempenhou nessa fase de transição?

E2: De transição...eu fui dos que incentivei e sempre estive na primeira fila pela criação do primeiro agrupamento, e depois partimos para a concentração; primeiro estivemos no agrupamento horizontal...eu recordo-me de uma reunião que tive no Centro de Área Educativa, eu e os colegas que estavam nas outras delegações escolares. Naquela altura, agora não sei precisar...Março, era o Dr. Gonçalves o director do CAE, e depois ...as ideias que já tínhamos para o concelho, se partíamos para os agrupamentos,; eu quando cheguei ao Dr. Gonçalves, nós, neste momento, à esta ideia de concentração da autarquia, que está a ser elaborado comigo, mas para o agrupamento, ainda não temos nada definido. Mas também lhe disse...mas se avançarmos nós vamos ser os primeiro a avançar ainda durante este ano. Havia outros concelhos que tinham alguns tópicos, eu recordo-me que Monção já tinha pensado em 3 agrupamentos, o delegado já tinha as ideias mais especificadas, e foi a primeira vez que houve no Centro de Área Educativa. E assim foi, depois isto começou a avançar, criámos um grupo de trabalho, estava eu e mais dois colegas, fizemos um documento para a criação do primeiro agrupamento, apresentamos no CAE, depois tivemos que reuniões cá com as

gentes do CAE, pusemos à câmara; depois tinha que estar a autarquia ligada...nós já tínhamos o Conselho, na altura o Conselho Local de Educação, e foi aprovado pelo conselho, fui eu que o apresentei, todo o estudo já para o primeiro agrupamento horizontal, tinha p pré-escolar e o 1ºciclo, e avançamos nesse ano; eu julgo que foi em 2000/2001. Na época 2000/2001 já nós... ou seja em 99/00 foi criado. E apresentamos o nosso, que foi dos primeiros a ser aprovado pela Direcção Regional; portanto, ia tudo conforme eles e a lei queria, e avançamos; depois houve a primeira comissão instaladora, e que fui eu, como presidente, e depois os dois colegas que estavam não eram de acordo e tinham outras ideias, uma preferiu ir para Ponte de Lima, e convidei para vir trabalhar no projecto comigo e convidei outra colega do 1º ciclo para que apresentasse já a missão.

EU: E como é que foi o evoluir do processo na classe docente?

E2: Os agrupamentos, ainda era desconhecido pelos colegas; e os colegas estavam, apesar de haver duas correntes, uns estavam a favor e outros contra, estavam mais pelo problema da concentração, ou seja, concentrar os miúdos, como estão agora nesta escola. Realmente a missão era drástica; como vemos em 2001 tínhamos 327 alunos, em todo o concelho; havia escolas que decerto tinham muito mais alunos do que nós tínhamos no concelho todo. Já tinham encerrado algumas escolas, nós tínhamos 20 núcleos a funcionar, já tinham encerrado, 2 ou 3 porque só tinham 1 aluno, tínhamos transporte, cantinas nas escolas; já tínhamos algumas condições, que muitos concelhos não tinham e nós aqui tínhamos belíssimas condições, que a autarquia sempre nos apoiou, a nível do 1ºciclo e do pré-escolar. Por falar em computadores, nós já naquela altura tínhamos tudo na escola, mas mesmo assim não era essencial, porque os miúdos andavam os 4 anos, 2, 3 miúdos numa escola; Quando vinham para a escola EB2,3/S, vinham para uma turma, às vezes de 30 alunos; é um bocado complicado, havia miúdos que ultrapassavam isso e outros não; ao princípio tinham algumas dificuldades, vinham de estar isolados...quer dizer, nós tínhamos muitas actividade em conjunto com ...

EU: Como que caracterizavam as condições materiais das escolas?

E2: As condições dentro dos nossos edifícios antigos, que a maioria eram planos centenários, tínhamos o r1 de S Martinho de Coura, o r3, tínhamos 3,4 escolas

dessas, rural 3, que eram escolas com melhores condições, tinham 2 salas; havia 6 escolas dessas, uma delas em Rubiães; e depois tínhamos a P3 aqui na vila,. Dentro daqueles edifícios, a nível de mobiliário, tinha mobiliário já há muitos anos...tínhamos computadores, que a câmara tinha patrocinado em todas as escolas, certamente só tínhamos um por escola; tínhamos telefone em todas as escolas, foi o primeiro concelho a por telefone nas escolas, a autarquia pagava isso tudo; lembra-me que a PT fez um protocolo com as autarquias, com outros mais tarde e nós fomos com o presidente da Câmara a Valença, no edifício da Câmara de Valença, assinar um protocolo que já tínhamos à 2 anos, mas serviu de exemplo para os outros concelhos. Nós disso já estávamos...os nossos alunos já tinham piscina, desde noventa e pouco, no pavilhão, tínhamos uma rede montada com a Câmara para trazer os meninos para as actividades, portanto já estavam habituados. O espaço da escola, apesar de não ser aquilo que nós queríamos, mas já tínhamos condições e os nossos miúdos eram ..havia coisas que já não estranharam...

EU: E relativamente às metodologias de ensino nesse contexto?

E2: Aí, costuma-se dizer que cada professor dentro da sua sala é rei, e empregavam os métodos pedagógicos que seriam os ideais; mas também era muito complicado, porque às vezes uma escola tinha os 4 anos, o 1º, o 2º, o 3º e o 4º, como está agora e haverá um intercâmbio entre os colegas para reunir e tratar dos trabalhos do 1º ano, do 2º, das planificações, dos planos, por exemplo planos para 6 alunos dos 4 anos, e às vezes tinha 2 alunos e estava a dar um programa diferente, um ia mais atrasado e outro ia mais adiantado, um tinha mais dificuldades e outro tinha outro e às vezes numa sala de 6 tinha 6 grupos, dos 4 anos em grupos diferentes; e pensava nisto. E quando se formou o agrupamento, as escolas que estavam nas freguesias, e os professores ficavam...ainda agora, os professores sabiam, ficavam na sua escolinha, na sua freguesia, só quando houvesse a concentração é que se veria se havia alternativa. Entretanto o processo foi avançando, e quando o professor com o plano para trazer os seus alunos, passou-se daquele plano de construir os 2 centros, um numa ponta e outro noutra, para só um centro porque realmente com trezentos e vinte e tal alunos, e que não ia aumentar nos próximos anos., como agora só tem 380 ...deve andar por aí. Fizemos o estudo do que tinha sido até aquela data e depois o que se previa

através dos registos, dos que nasciam, são baptizados aqui, mas depois vão mudados para outros concelhos; havia cinco registos, mas na prática só havia quatro aqui, e isso é que nos interessava; portanto... foi feito por mim e por outros colegas; nós sabíamos que no 2003/2004 havia tantos alunos, há sempre uma percentagem de falhar...

EU: E... os professores nessa altura de transição, achava que queriam mais formação, que estavam mais preocupados ...?

E2: Naquela altura havia os centros de formação dos professores, e o nosso aqui era só do nosso concelho, havia concelhos que tinham centro de formação, como Valença e Monção, Cerveira e Caminha e nós como éramos um conselho interior, nós conseguimos que fosse só um concelho; naquela altura era o professor M... que estava à frente do centro de formação, que foi eleito por mim e por outros colegas que estavam nas partes das direcções das escolas, e estive vários anos no centro de formação, e tentou dar-nos essa formação com essa finalidade, para o desejo dos professores...íamos para situações novas, o agrupamento, não imaginávamos como seria o agrupamento, mais na parte administrativa como veríamos mais à frente; para alguns professores foi um grande choque, e já pensavam na concentração e já se ia dando alguma formação, dentro daquilo que o centro de formação era capaz de fazer e arranjar pessoas para virem dar essa formação. Depois, com a criação do agrupamento horizontal, quando foi criado, as pessoas estavam nas suas freguesias, o professor estava na sua freguesia com os seus alunos, mas uma das coisas que mais custou e que me deu imenso trabalho, imensa dor de cabeça, porque eu estava à frente era a questão dos dinheiros; porque as escolas do 1ºciclo, foram e ainda são o parente pobre da educação ao nível de dinheiro. A Direcção Escolar não tinha dinheiro, as escolas não tinham dinheiro,; como é que as escolas do 1ºciclo conseguiam ? Os jardins começaram a aparecer em oitenta e o nosso concelho os jardins...desde oitenta e pouco, todos, as crianças que quiseram, não era obrigatório; até agora o pré-escolar estava no concelho...tinha três entidades, a oficial que pertencia à delegação, e agora ao agrupamento, jardins que eram 6, depois tínhamos a instituição OSAN, também tínhamos 5 jardins, que abrangiam outras freguesias e tínhamos a Santa Casa que abrande a Vila e em termos geográficos...os pais aqui tinham escolha, poderiam por os miúdos nos jardins, porque todo o concelho, já à muito ano que é

atingido pelo pré-escolar. E portanto essa parte é mais recente, eu trabalhei com as colegas, com as educadoras, com muito gosto; e então arranjava-se dinheiro como? Com as festas que se faziam, com rifas, com festas que se faziam, no Natal, no Carnaval, nas festinhas do fim do ano, ou donativos porque os colegas diziam – vamos pedir, a ver se nos dão ... depois sobrava - e a população colaborava e com dinheiros que a autarquia nos dava para material escolar, nos dava para as cantinas, ...era material e cantinas que nos dava; depois o professor ia gerindo o dinheiro; e aquilo era, a sua escolinha, o professor geria o dinheiro, aquilo é dele: E quando é criado o agrupamento, só pode haver uma conta; só pode haver uma conta com a Escola EB2,3, só pode ter uma conta só; não pode haver várias contas e a escola não pode ter várias contas abertas...tinha que ser através da Delegação, nem a Delegação Escolar tinha autorização para abrir uma conta e ter dinheiro. Mas havia ali maneiras de dar a volta; nós contra a lei e as ideias do Director Escolar, que não podia saber que nós tínhamos, mas , tínhamos o dinheiro das autarquias, a autarquia passava-nos dinheiro para passar-mos para as cantinas, para passar-mos para o material escolar. Portanto nós tínhamos que controlar, não ia levar o dinheiro para a minha casa, não é, nem o ia ter na Delegação, que podia ser assaltado; a Delegação tinha que ter uma conta, mas legalmente, isto não era possível. Nós usamos o nº da DREN, de contribuinte, nós, a Delegação não tínhamos nº de contribuinte e a escola muito menos. Tínhamos os professores, que arriscavam e o maior debate, quando o agrupamento começa a funcionar, era que só podia haver uma conta, depois tinha que funcionar a secretaria, que ali tínhamos tudo, e isso ...e houve colegas que mais tempo demorou aos professores do 1ºciclo ...isso significa perdiam a autonomia. Nós ganhámos mais autonomia, mas aí, para eles perderam-na, porque não podiam mexer no dinheiro que era criado com as organizações deles, nas escolas; e que é que eu fiz? Eu pensei, eu tenho que arranjar uma maneira para deixar as escolas satisfeitas e eles puderem movimentar o dinheiro, saber o que têm, quanto gastavam, quanto não gastavam, mas também tenho que estar pela lei, tenho que estar dentro da lei do agrupamento, se há uma tesouraria, só pode haver uma conta. Eu arranjei...dava muito trabalho; o dinheiro que tinham as escolas, eu tenho 20...eu tenho 40...para colocar na conta do agrupamento; e havia escolas que tinham dinheiro, tinham algumas dezenas; isso acontecia naquelas freguesias onde o professor era efectivo, já à muito ano na escola, iam

economizando, tendo dinheiro para oferecer coisas no fim do ano aos miúdos, para fazer aquelas actividades nas escolas; e as escolas tinham a conta...vamos supor que tinham mil contos, falando em escudos, mil contos, mas sabia que a escola da vila tinha cinquenta, a escola de Cossourado tinha vinte, a outra trinta e as professoras também sabiam aquilo, sabiam que tinham aquilo e depois quando vinha o da Câmara, o dinheiro era consoante o nº de alunos, para o material escolar, se tinha 10 alunos, não podia ter o mesmo dinheiro; e da cantina a mesma coisa; aquilo dava trabalho porque depois faziam as compras que tinham que fazer, tinha que vir tudo facturado, era para utilidade pública, e o funcionário que estava na parte administrativa, estava com a parte financeira e portanto uma escola tinha vinte, gastava cinco e ainda ficava com quinze; e todos os meses tinham um estrato que também eu ia controlando as cantinas, saber se havia falta de verbas, se não havia, e o que os pais davam para as cantinas pagava, aquela mensalidade entrava tudo na conta e consegui satisfazer os professores, e não foi neste concelho, foi em todos os concelhos...nós perdemos autonomia, nós tínhamos dinheiro e agora não temos; e aqui conseguiram através desse estratagemas, que dava muito trabalho, e não era legal, como não estava legal eu tinha que fazer isso tudo, só que dava trabalho...e sempre conseguimos fazer isso. Depois quando passou para o vertical, é que isso acabou e foi outro choque. Era muito difícil fazer...

EU: E em termos de condições materiais e pedagógicas, o que mudou com a criação do agrupamento?

E2: Ao fim e ao cabo, o Estado ligou-nos à secretaria, onde tínhamos uns armários, uns computadores, uma fotocopiadora, e não deu muito mais...quando foram criados os agrupamentos, deu uma verba, porque ...os vencimentos já eram feitos no agrupamento, e isso é a base técnica e qualquer escola EB2,3 ...já os nossos vencimentos eram feitos na Delegação Escolar e passaram para o agrupamento. Essa parte, onde eu e outros dois colegas estava a trabalhar, passou para a parte administrativa. Na parte das escolas a Câmara continuou ...imagine que eu sempre exigi muito à autarquia, e tínhamos que contar muito connosco. Nós quando passamos para o agrupamento, havia um grupo de trabalho, ou seja, havia cinco, seis sete professores com a função ...nós chamávamos grupo de trabalho, que organizávamos uma festa, ou uma actividade e depois a Delegação

propunha aos colegas...olhe, foi pensado isto...vamos fazer isto...assim se concordassem partíamos para aquela actividade; o agrupamento horizontal, não tinha e outras escolas de outros concelhos, que eu visitava outras escolas, e algumas chegaram a visitar-nos aqui a nós. Nós já tínhamos essa parte pedagógica, já tínhamos, aqui em Coura, por ser um concelho, talvez pequeno. Porque eu quando vim para cá era tudo pessoal novo, comecei a trabalhar, muitos de nós ficamos cá e começamos a incentivar essa prática, depois quando do processo do PIPSE, que aqui também funcionou muito bem no concelho, com os colegas que estavam à frente, e houve coisas que não se deixaram perder continuando com esse grupo de trabalho, e a gente virada para o que sucedeu. E quando passamos a agrupamento, eu disse, o que está bem mantém-se, não vamos deitar fora, porque muitas vezes não se faz as avaliações que se devem fazer e mantivemos. Nós já tínhamos muitas actividades em conjunto com a Escola Secundária, e com a EB2,3/S, eles é propunham as actividades e aquilo que for bom para os miúdos; o Programa Ciência Viva, nós já o tínhamos, com professores da Secundária, o Inglês e o Francês já tínhamos tidos uns anos com a Secundária, os professores iam ou os alunos vinham à Escola Secundária de estivessem mais próximos...

EU: Mas depois com a concentração...

E2: Isto ainda tudo dentro da Delegação Escolar, e no período do primeiro agrupamento horizontal. Funcionou três anos; primeiro um ano como Comissão Instaladora, e depois dois anos já sem Delegação. Depois já não fizemos o mandato de três anos porque já se foi para o vertical. Portanto, essas actividades pedagógicas existiam já e sempre existiram no nosso concelho. Eu ...o nosso concelho irradiou muitas dessas actividades para outros concelhos; por exemplo este ano estavam aqui professores de Monção, de Cerveira, de Viana e levavam algumas ideias, e traziam outras ideias elevavam outras daqui também; levavam eu sei que levavam, porque depois encontrávamos em reuniões e colegas que diziam _olhe estamos a fazer isto..._ portanto daqui saíram muitas ideias. E uma das ideias que saiu daqui, já depois da concentração, ...quando foi implementada esta escola, a escola nova, uma das promessas quando fomos para a concentração, era que os miúdos ficassem mais tempo na escola; os pais podiam deixar os miúdos até às 17 horas, com outras actividades além das actividades normais, até às três e meia; e nós no primeiro que isto funcionou conseguimos isso. Quando foi

inaugurada com o Senhor Primeiro Ministro, e a Ministra da Educação, são os actuais ainda, são os actuais, isso foi-lhes tudo exposto. Nós somos um bocado culpados do arranque das actividades extracurriculares que criámos aqui...

EU: Que criaram um bom exemplo...

E2: Há coisas que têm sido corrigidas, no país durante estes anos, e tal como a comissão de pais, que se batalhava muito e mesmo a comissão de pais a nível nacional que se pedia o prolongamento dos horários de outras actividades; haverá pessoas que estão contra, mas foi sempre um desejo dos pais a nível nacional; e posso falar disso porque também pertenci durante uns anos a uma comissão de pais que nós já tínhamos aqui, mas era uma grande luta das comissões de pais a nível nacional, era o alargamento quer dos horários dos jardins para fecharem mais tarde, quer dos horários do 1º ciclo. Isto foi correndo até quando foi inaugurada em 2004/2005...ou 2003/2004 que foi quando foi inaugurada esta escola. Porque como eu disse no princípio...

EU: E como foi a reacção dos docentes depois na entrada aqui neste novo espaço?

E2: Foi pacífico...há sempre um ou outro que tem as suas ideias, mas em democracia é assim. O pessoal adaptou-se com facilidade, mas ao princípio foi um bocado confuso, porque isto era tudo novo, quer para os professores, porque não houve muito tempo de adaptação, foi inaugurado e começou-se o ano; foi inaugurado em Setembro e aquele primeiro trimestre foi por uma escola a funcionar destas, não é pêra doce; primeiro a adaptação dos miúdos à escola, os pequeninos... os maiores era mais fácil; mas o dia a dia aqui era tudo novo; virem de manhã às oito e meia nove horas...

EU: Eles, os professores participaram nesse processo?

E2: Sim, os professores participaram sempre; eu estava na direcção da escola, na vertical e só tenho a dizer bem dos colegas, e da direcção que tinha lá a professora C. que ainda se mantém ...trabalhou-se muito...agora, houve algumas quezílias, mas isso...é sempre num processo destes é normal; quem estava contra trabalhava na mesma.

EU: Havia alguns críticos?

E2: Sim. Eu não lhe chamaria bem anticorpos; aqueles que diziam _ pensei que isto era assim e afinal não è _ poderia não estar a aderir assim também...

EU: Se calhar eram mais colaborativos do que críticos...

E2: Sim, mas os críticos colaboravam também com ...que eu me lembre nunca houve um colega que dissesse, olhe eu não faço isso; não tem nada a ver comigo a cantina, por exemplo; não tem nada a ver comigo, não faço isso...não...sempre todos os professores ajudaram , uns mais outros menos, mas todos ajudaram e só assim se consegui por a funcionar esta escola, porque senão não se conseguiria. Um dos principais pontos que eu confesso tinha um bocado de medo, era no transporte dos alunos; e que foi um dos temas que os críticos que a nível político eram contra a criação desta concentração, era o transporte dos miúdos; aí porque o transporte vai ser feito pore o que foi sempre prometido desde o início e eu disse se isso não for assim eu saio deste comboio, ou seja, o transporte destes miúdos não tinha nada a ver com o transporte dos miúdos da EB2,3/S e da secundária; seria um transporte, como é totalmente diferente, com carrinhas mais pequenas, passar de porta a porta e trazer os miúdos para a concentração. E muitos pais vinham falar comigo – olhe professor, e os transportes? Era o que mais...porque havia muita contra informação; havia alguns que estavam contra, não eram os professores, era a população em geral, e havia notícias no jornal que os transporte iam ser aquilo, iam ser aqueloutro; sabemos que às vezes os da secundária não funcionam como deve ser, mas a escola não tem culpa, os horários, os miúdos virem de pé...ainda acontece isso em boa parte do país, e havia que dar a volta. E a autarquia disse, não senhor, será feito em carrinhas pequenas, daquelas Toyota de 9 lugares, e porta a porta, que os miúdos são recolhidos e depois à tarde são deixados porta a porta; e os pais disseram: pronto, se assim, então está bem; e foi antes dois ou três dias de abrir a escola, a escola abriu uma segunda ou terça feira, no sábado houve uma reunião com os pais e o transporte já foi usado pelos pais e o transporte trouxe os pais e a seguir levou outra vez nas carrinhas, nos transportes pelos percursos, e os pais viram que aí não havia problema. Esse era um dos meus medos e foi um dos que mais emperrou, desde início, os transportes; as carrinhas de 20 lugares, 15, e agora têm acompanhante e tudo; no início não tinham acompanhante, e depois saiu logo a lei de ter o acompanhante e isso; era uma das coisas que tinha medo, confesso, que não

corresse bem, podia acontecer qualquer...pronto, não correr bem, e foi das situações que melhor correu. Deu muito trabalho articular com a empresa de transportes que ia fazer, levá-los a casa, somente no primeiro dia deixaram aqui um miúdo, mas nós estávamos aqui e levámo-lo. Por dizer. Isto era tudo novidade para eles, e nós ...tinham e têm 15 percursos, e pusemos por cor os percursos, por exemplo era o percurso 1, era azul, o empregado levantava a paleta do 1 e chamava todos os meninos; nós conferíamos um por um, o motorista tinha uma lista que levava, e de manhã ao recolher, consoante o miúdo entrava, anotava e chegava aqui e dizia, este miúdo está doente e não vem; Quando chegavam as equipas às nove horas, o funcionário que estava na recepção, depois tínhamos os números de telefone, e telefonava porque é que os miúdos não vêm; os pais podiam estar doentes e passava-se aí para entregar o atestado, e os transportes serviam...

EU: E depois os professores ao entrarem aqui neste edifício com outras condições, já na fase da concentração, eles sentiram necessidade de formação noutras áreas, de se prepararem

E2: Sim, depois começou-se a pensar nisso; houve algumas formações, pelo Centro de Formação, porque digamos tiveram de reestruturar uma maneira diferente de trabalhar. Cada professor ficava com a sua sala, à volta de 20 alunos, uma turma menos, outra mais, mas andava à volta disso, 15, 20, 21, 17, e havia um programa, portanto, havia 4 turmas do primeiro, 4 turmas do segundo, do terceiro e do quarto. Só num ano é que houve 5 do segundo ou do terceiro, que precisavam, mas o normal é haver 4 turmas de cada ano. Por exemplo, os que estavam a trabalhar no primeiro ano, entre eles, até faziam reuniões de, articulação curricular, nas salas uns dos outros, porque o bloco estava ocupado em cima e em baixo, o segundo à entrada... e depois começaram a fazer trabalhos conjuntos e começou a haver uma maior coordenação, uma maior troca; não quer dizer que nas nossas escolas não houvesse, mas agora aqui estava mais seguros, tu fazes isto, tu fazes aquilo...começaram a sentir essa falta e a trabalhar dessa maneira; eu estava mais na parte administrativa, se se pode dizer, nunca senti dificuldade. A formação que tem que se ter, eu nunca interfeiri na parte pedagógica das pessoas, a sala é do professor e digam o que disserem, pode haver mil mudanças, a sala continua ser o território do professor. E o professor trabalha na

sala ao seu ritmo, com os alunos e como entender que é o melhor para os alunos, seja de que ciclo for, seja do 1º, do 2º, do 3º ou do secundário; só não se faz mais porque não se quer; pode haver muito apoio pedagógico ou administrativo, mas para mim a sala é do professor, e aí ninguém interfere, nem pais, nem...não interfere quer dizer, à sempre achegas para as aulas, mas na metodologia o professor é rei e senhor e que tem e é e continuará a ser. Havia colegas que diziam, ai...não, dentro da sala o professor é rei e senhor e ninguém manda em ti; agora, tens que prestar contas, todos nós temos que prestar contas, no fim do ano há avaliações, há tudo, mas tu és rei e senhor dentro da tua sala; usas o método pedagógico que bem entenderes, que aches que é melhor para aquela turma, e continua ser rei. Passei por várias mudanças na educação e o professor na sua sala é rei e senhor, só se não quiser ser, deixar que haja interferência; no seu método seja professor do secundário, segundo, terceiro, ou do primeiro ciclo, ou do pré-escolar...

EU: Então, para terminarmos, qual é a sua opinião pessoal sobre esta transformação organizacional e técnico-pedagógica e os reflexos que possam ter na profissionalidade docente?

E2: Eu julgo que o trabalhar... bom se comparar eu não vou dizer que antigamente se trabalhasse pior, não, não é isso, há belíssimos professores nas escolas nacionais; mas no que refere ao primeiro ciclo, eu acho que o trabalho assim, mais perto como estamos agora, com o primeiro ano, com o segundo, para os professores é um trabalho que não deixa de ser cansativo, mas profícuo, que dá ...mais gratificante, quer dizer, o estar nas freguesias, era diferente e o segundo e terceiro sempre foi diferente; que não fosse gratificante e pedagogicamente bom, mas acho que assim o professor não se sente isolado, e o ter um colega ao lado, às vezes ...estou a fazer isto, estará bem? E se trabalharem em conjunto, já não faço trabalho nenhum, mas o bichinho ainda aqui está, e a minha filha mais velha também é professora do 1º ciclo, e sendo professor do primeiro ciclo, isto, o bicho nunca desaparece. Digo que é mais produtivo, mesmo para os miúdos, e mesmo para os professores; há turmas maiores, se pudessem diminuir nas turmas, isso até ao de todos os ramos de ensino, do secundário, o professor pode estar mais em cima do aluno, exigir mais, dar mais, porque sendo uma turma de 20 alunos, quer se queira quer não é uma turma muito heterogénea; e o nível de capacidade

dos alunos é totalmente diferente; eu recorro que quando comecei tinha 42 alunos, primeiro e segundo ano, tinha daqueles miúdos desde o excelente, só estive um ano nessa escola, até aqueles que não conseguiram fazer o quarto ano, antiga quarta classe, que não davam, e tive alunos que eram excelentes, mais que excelentes; pronto, quantos grupos não tinha e tinha só dois anos, assim não...dentro de uma sala do primeiro ano, tem-se menos grupos, é melhor, mas podia ser muito melhor se acontece haver alguns professores de apoio para ajudar e às vezes tem-se conseguido ficarem os dois professores de apoio, num bloco, no primeiro, no segundo, no terceiro ou no quarto, mesmo para quando faltar o professor; o professor pode faltar, pode adoecer, pode-lhe adoecer a família, isso pode acontecer...e aqui não podemos mandar os miúdos embora; mas, eu estive aqui um mês e tal, nos apoios, quando estava à espera da aposentação, neste ano lectivo, e dava ajuda num grupo que estava mais atrasado, e isso ajuda e faz com que a turma e os alunos aproveitem muito mais; agora acho que este trabalho aqui de equipa, pelo que sei, pela minha ideia e por aquilo que eu pude ver, é mais produtivo e simplifica um bocado o professor, porque se tem o primeiro ano, tem o primeiro ano, não tem os quatro anos, embora tivesse menos alunos nesses quatro anos, era muito mais complicado do que ter uma turma só de um ano, do que ter uma turma de vinte; pode dizer assim, tenho quatro grupos, mas são do primeiro ano, ou do segundo ano, enquanto que se tivesse 15 alunos ou 16 alunos das quatro classes, tinha mais grupos e não eram todos do mesmo ano, com matéria totalmente diferente, do quarto, do terceiro; agora, também podia haver uma ligação das matérias, porque todas dão; às vezes uma matéria que se dá ao terceiro ano, dá para o segundo, para o terceiro ou para o quarto; às vezes não dá por os alunos do primeiro a trabalhar numa fichinha, o segundo a fazer uma interpretação num texto, o terceiro a fazer uma ficha no quadro, e dar uma matéria nova aos alunos do quarto ano, é muito mais complicado; colegas nossos que não passaram por isso não sabem; é mais fácil trabalhar só com um ano, apesar que de heterogéneo, mas o grupo é mais homogéneo, mas isso não acontece, não vão todos ao mesmo ritmo. No fundo acho que valeu a pena a concentração, e os miúdos ganharam, ganharam outras coisas que não tinham, ganharam agora o prolongamento dos horários, mesmo com os problemas que tem havido, se gostava, se não gostava, mas foi sempre preocupação dos pais do livro de inglês, até com o alemão uma pequena coisa que se fez, em colaboração

com a Universidade do Minho, com uma professora que estava aí de alemão, e este ano sei que houve um programa de Filosofia com um professor de Filosofia, com o primeiro e segundo ano, não quero mentir, ou só o primeiro; eu conheço o professor e acho que foi um trabalho excelente, também foi novidade, a nível quase do país. Têm aparecido ideias que têm sido seguidas por outros concelhos, e outras actividades que vão aparecendo, pronto...acho que é bom a concentração de escolas, foi bom e julgo que agora nenhum pai que esteja contra; há sempre problemas, em todos os sectores da nossa vida, não se pode agradar a todos, e estamos em tempos que para os profissionais da educação têm sido tempos difíceis; à culpa de parte a parte, mas foram as altas individualidade que desacreditaram um bocado os professores, e às vezes há problemas por causa da desacreditação, nestes tempos passados do professor, o professor é a autoridade da escola e os alunos têm que obedecer, apesar que no concelho de Coura, e eu passei aqui muitos anos, há sempre situações, mas não é dos concelhos mais complicados; vêm-se situações que vão aparecendo, nas televisões, nos jornais, e é muito complicado, mas aqui no nosso concelho vão aparecendo alguns problemas, mas que são menos e como se costuma dizer, apaga-se logo o fogo e consegue-se dar a volta à situação; noutras escolas maiores do país é mais complicado. Seria a última coisa a existir num país; a educação é essencial ...

EU: Eu queria agradecer a colaboração...foi óptimo; a finalidade era saber um bocado do historial de tudo isto e de certa forma a ligação que me interessa a mim, a ligação à profissionalidade docente, porque no fundo, é o professor...

E2: Eu digo muito isto; no fundo foram 32 anos de serviço, sempre aqui no concelho de Coura, e aqui fiquei, porque antigamente, naquele tempo havia concursos mensais para efectivo, agora de quadro único, e eu fiquei efectivo logo no segundo mês, Novembro ou Dezembro...começava-se a trabalhar em Outubro, os alvarás vinham no dia 29 ou 30 de Setembro, e para cá vieram logo no 1 de Outubro e foi ...concorri em Dezembro, tinha 20 anos e pensava, eu vou para a tropa e quando vier tenho escola; começou o 25 de Abril, começou o desemprego dos professores...os colegas, os retornados vieram para o 1º ciclo, foi criado o 2º escalão para os que tinham vindo da África; havia o primeiro escalão para os que trabalhavam, o segundo escalão para os que vinham de África e o terceiro escalão para os que saíam das antigas escolas do Magistério Primário e pronto ...

EU: Obrigada.

ENTREVISTA 3

EU:

E3: tenho 50 anos, do sexo feminino, sou professora do quadro geral, trabalhei sempre neste concelho, nunca saí de Paredes de Coura, já vou com 33 anos de serviço, pertenço ao grupo dos professores titulares, e pronto, aqui penso que não terei que dizer mais nada.

EU: Em termos do papel desempenhado no processo, agora provavelmente vamos conseguir perceber isso, enfim, como é que tive conhecimento da legislação que esteve na origem da criação dos agrupamentos? De que forma se foi apercebendo da criação...

E3: Todos os decretos que foram saindo eu foram tomando conhecimento, foram dados a conhecer aos professores, e depois foram feitas várias reuniões, encontrávamo-nos, discutíamos e foi assim que o processo foi avançando, e depois vimos qual era a melhor solução, aqui para o nosso concelho;

EU: E considera que o que estava escrito na lei, em termos de razões para a criação do agrupamento, portanto, que razões é que terão ditado mesmo a criação dos agrupamentos em si, e este se calhar de uma forma especial, não sei se tem razões para ...

E3: Nós, por acaso, esta questão do agrupamento, é uma questão que mesmo sem ter saído esta legislação, nós já tínhamos levantado esta hipótese, e porquê, por causa do isolamento, por causa da desertificação, estávamos a ficar com crianças com pouquíssimas escolas, escolas com pouquíssimos alunos, e os professores a trabalhar muito individualmente. E tudo isso levou, numa determinada altura a organizarmos umas jornadas de educação, e já vai há um bom par de anos, não lhe sei agora precisar quanto, e levantávamos essa questão de agruparmos as escolas, embora sem este espírito de agrupamento vertical, era mais no horizontal, e a nossa ideia era, mas não era uma única escola; era formarmos dois núcleos em pontos estratégicos do concelho, um que abrangesse uma parte do concelho e outro que abrangesse outra parte. E na altura ficámos muito ani-

mados com a ideia, fizeram-se vários estudos mas nunca se levaram à prática, nem nada foi...

EU: Por falta de apoio?

E3: Sim, também por falta de apoio, por falta de aceitação, falta de projecto... havia muito quem não tivesse meios para poder apoiar, a própria autarquia não se sentiu com forças para agarrar o projecto sozinha e avançar, tínhamos que ter outros apoios e não os tivemos; depois aquilo foi-se perdendo no tempo e entretanto surgiu esta legislação, as escolas tinham que ser agrupadas e isso ficou assim. Agora o nosso ideal era o agrupamento horizontal, e nunca vertical e porquê? Porque nós pensamos que o 1º ciclo e o jardim de infância, são realidades completamente diferentes; não tem nada a ver e por muito que não se queira, estando no agrupamento vertical como agora estamos, as pessoas vão tentando adaptar dinâmicas e nunca é o 2º e o 3º ciclo a adaptarem-se às dinâmicas do primeiro; pelo contrário, eles querem ver a escola sempre numa perspectiva de 2º e 3º ciclo, com as dinâmicas...

EU: Porque eles são mais?

E3: Talvez, e tem outra força que o primeiro ciclo não tem; eu acho que os professores do 1º ciclo desanimam com muita facilidade, e dificilmente conjugam esforços, qualquer coisa os faz desistir, têm muito medo a tudo, com muito medo de tudo, se se quer tomar uma posição perante qualquer coisa, há sempre alguém que tem medo e que quebra e nunca conseguimos a unidade necessária para enfrentar seja o que for. E depois, para a parte do governo é muito mais prático gerir um agrupamento vertical nível financeiro, para eles o que interessa é isto; mas que realmente não é o melhor não é, para nós não é o melhor; não é que nós até não estejamos mal, não é que o executivo e agora com o novo modelo de gestão, mas sempre soube ouvir os professores e eu sinto que no decorrer do tempo, há muita coisa que tem sido adaptada, e depois o que a mim mais me revolta e o que a mim mais me dói, é assim, eles tentam adaptar tudo, mas quando é uma situação que não se adapta, nós ficámos prejudicados; por exemplo, repare, esta situação, agora das aulas de substituição, um professor se quiser pode trocar a aula com outro colega, ou fazem permutas, as crianças não ficam prejudicadas; no 1º ciclo, as crianças nunca ficaram prejudicadas, porque nós

arranjamos, ou o professor de apoio que tomava conta da turma, e isso não, isso para nós já não é, temos que meter na mesma a falta e temos que dizer que não estamos na escola, o que para mim é uma injustiça, isto é um pormenor entre muitos outros, como por exemplo a nível de avaliação, eles querem tudo com percentagens, querem tudo com valor quantitativo, enquanto nós na criança, no 1º ciclo, na idade que eles têm nós estamos sempre a ver a criança no seu todo, no seu global; nós nunca olhamos uma criança só numa temática, ou só no Português, ou só no Estudo do Meio; eu estou a avaliar uma criança a fazer um trabalho de Matemática, eu estou a ver como ela se desenrasca a Português, quais são os conhecimentos dela, a autonomia dela, qual a organização dela, o trabalho, é tudo conjugado, e eles têm muita dificuldade em ver isso, não compreendem como que nós podemos avaliar uma criança assim no global, como é que podemos avaliar um teste sem ele ser quantificado,; e eu pergunto, também como é que eles conseguem quantificar um teste do 1º ano de uma criança do 1º ano; não tem nada a ver, não é, por isso é que a avaliação do 1º ciclo é descritiva, e isto é um contra-senso, então se nós não podemos mostrar aos pais uma avaliação quantitativa, porque é que vamos ter um suporte, um teste, uma escala quantitativa; isto são pequenos pormenores que se nota que a pouco e pouco eles tenta adaptar, por exemplo o fazerem os horários estanque, por exemplo esta hora para Estudo do Meio, esta hora para Português, esta hora para Matemática; quando o colega muitas vezes está numa aula de Estudo do Meio, e parte para um texto de Português, e parte para outra análise...

EU: São realidades diferentes...

E3: E eles não entendem isto, mas mesmo o Ministério está a cair nesse erro; e está-se a contradizer, quer dizer, que agora no 5º e 6º ano devem ter menos professores, não é, querem deixar que tenham tantos professores, e estão a levar o 1º ciclo a ter esta particularidade; a terem um horário ali todo compartimentado, quando nós fazemos a ligação das coisas e depois estão a desvalorizar, determinadas áreas que são muito importantes, que são as áreas de Expressão, de Movimento, a Música, essas actividades são dadas nas aulas de enriquecimento curricular, e fazem parte do programa e as actividades, as crianças não são obrigadas a frequentar, e quando nós tínhamos a nossa escola, nós organizávamos o nosso tempo, como queríamos, tínhamos que dar o programa porque tínhamos

que apresentar os resultados, não é isto que nos faz ser melhores ou piores professores, e além disso éramos capazes de pegar numa aula de Ginástica e partir para uma aula de Matemática.

EU: Na criação do agrupamento em que fase é que entrou no processo? Entrou nas várias fases do processo?

E3: Neste agrupamento?

EU: Desde o início, porque primeiro tiveram um agrupamento horizontal, depois é partiram, que foram para a concentração...para o vertical. Portanto em que fases entrou directamente?

E3: Eu directamente...estivemos sempre presentes em tudo, mas agora que eu tivesse uma participação activa, não tive, a não ser, havia as eleições, as listas, mas nunca houve assim um processo dinâmico que tivessem ...

EU: Então a classe docente não se sentiram imbuídos nesse movimento?

E3: Pronto, tivemos ali um momento, sobretudo no horizontal em que tivemos apresentação de projectos, e defesa de projectos e tal, em que aí sim, tivemos reuniões em que até foram muito debatidas e muito...mas isso no horizontal; depois nesta passagem para o vertical, foi quase uma coisa imposta, vamos ficar no vertical e acabou-se.

EU: E então como é que caracterizava em termos de condições materiais as escolas do 1ºciclo, antes da criação do agrupamento? Que condições é que tinham?

E3: Olhe, eu posso falar porque trabalhei em escolas do meio rural, e escola aqui na vila mesmo uns anos largos, e é assim, em material, nós tínhamos pouquíssimo material; mas havia uma coisa muito boa, nós tínhamos uma envolvimento da comunidade que era qualquer coisa de espectacular, tanto a nível da autarquia local, junta de freguesia, como a nível de pais. E nós tentávamos arranjar recursos para a pouco e pouco irmos tendo aquilo que queríamos; e depois outra verdade seja dita, a autarquia, a Câmara foi sempre uma pessoa atenta aos trabalhos dos professores tudo o que a gente pedia muito dificilmente ouvia um não; eles se vissem que era uma coisa que valia a pena apostar, e isso, são pessoas

de muito fácil acesso; eu se quisesse estar com o vereador, em qualquer momento ele me atendia, não era preciso marcar, nada disso. Eu aparecia na Câmara de repente, olha queria falar...sim senhora ouvia, ou até por escrito e tivemos sempre esse apoio. E depois organizávamos dinâmicas dentro da escola com os miúdos, criamos projectos; eu lembra-me que no meio rural eu tinha um projecto de apicultura, tive um projecto...como era o nome...a melhoria do meio rural, que foi aprovado até pelo Instituto de Inovação Educacional, em que me deram uma verba muito grande para a escola, e depois tudo o que nos aparecia a nível de concursos, a gente envolvia-se e ia ganhando um prémio aqui e outro acolá, colaboração dos pais; havia a antiga caixa escolar que depois foi desaparecendo, e nós com esse dinheirinho íamos conseguindo muitas coisas. Enfim, tínhamos aquilo que precisávamos mais até íamos tendo.

EU: E em termos de metodologias, que tipo de metodologias usavam assim nesse contexto, porque o facto de terem poucas condições materiais condicionavam as metodologias?

E3: Sabe, eu acho que as metodologias não está muito no material que temos, nem nos recursos que temos, está mais na pessoa; e depois é assim, se a colega tem vontade de fazer diferente e de inovar o seu trabalho, consegue-o, se não quer, prefere estar acomodada, também está, porque eu vejo que não foram...a minha riqueza profissional, e eu vou com 33 anos de serviço, está no meio rural. Eu com aqueles alunos eu fiz uma semana de campismo, em Vila Praia de Âncora, na Sereia da Gelfa, eu fiz uma semana de campo no Parque Nacional da Peneda Gerês, envolvida com outra escola, que até o Delegado de Saúde participou, nessa semana de campo, eu fiz n coisas que eu agora não faço...não é? E era outro tempo, completamente diferente, e eram pessoas do meio rural, e eram pessoas que até podiam ser um bocado...ter receio de entregar os filhos ao professor e no fundo não, sempre muito abertos a tudo o que a gente e tínhamos um trabalho com a comunidade extraordinário.

EU: E em relação às necessidades formativas? Sentiam necessidade?...

E3: Sim , como agora, porque a colega para ter qualquer formação tem que sair, não é? A formação não vem ter consigo, e eu desde muito cedo, por exemplo, uma coisa que me cativou fui o Movimento da Escola Moderna, e então tentei

envolver-me nas dinâmicas da Escola Moderna, e isto já vai há muitos anos, eu tinha que ir às reuniões ao Porto, aos sábados culturais, ia sozinha, portanto, isso é o que eu lhe quero dizer, isso, as metodologias, o querermos está muito em nós; não é o ser uma escola velhinha ou ser uma escola com condições que nos faz ser diferentes, não é? Embora nos possa facilitar o trabalho, ajudar, mas não é isso que vai tornar uma professora melhor, inovadora, uma professora a querer fazer mais e melhor...não...porque nós temos agora muitas condições...

EU: Já agora, em termos de condições ...

E3: É isso...

EU: O agrupamento oferece muito melhores condições...

E3: Tem muito melhores condições, mas em contrapartida vai-nos quebrar o trabalho com a comunidade, por exemplo, enquanto que no meio rural havia o interesse daquela comunidade, eu agora na minha sala tenho 3, 5, 10 comunidades diferentes, meninos de aldeias diferentes, 2 daqui, 2 dacolá, e d2 dacolá...

EU; Com realidades diferentes...

E3: Realidades completamente diferentes, com interesses completamente diferentes, enquanto que nas aldeias em que eu trabalhava sabia que o linho, por exemplo, que era uma actividade que estava a desaparecer e que foi uma coisa que dinamizou muito aquela comunidade e os serões em determinado tempo; eu recriei esse trabalho todo, eu cheguei a ter um tear na escola, eu cheguei a ter uma pessoa de noventa e tal anos que vinha à escola tecer com os meninos, eu tinha uma escola que era uma autêntico museu. Enquanto que eu aqui, pronto, essas coisas; também os tempos são outros e as crianças agora estão viradas para as tecnologias, para os audiovisuais, e isso tudo; mas essa riqueza também se foi perdendo, e também era bom que a gente sensibilizasse as crianças para isso, para o património eu está esquecido; e o caminho que custa neste momento com esta nova realidade que tenho, e estamos nela há 6 anos, 5, 6 anos, é isso, é...eu gostava que de vez em quando eu tivesse elos de ligação com a comunidade de onde vem os alunos que eu recebo, outros encontros, levar até eles o trabalho que os meninos fazem, e tentar que também dela viesse até à escola, qualquer coisa daquela comunidade, o que é difícil, o que é muito difícil; e portan-

to nós vamos acabando por usar outras dinâmicas, outras coisas que não deixam de ser, não deixam de ser piores nem melhores, são diferentes, são diferentes.

EU: Como é que pensa que os docentes reagiram à inovação?

E3: Na escola, trabalhamos mais em equipa e isso, não reagiram mal, acho que se tem conseguido fazer alguma coisa. Mas aquele verdadeiro trabalho em equipa ainda não existe; ainda estamos numa conquista, ainda não é aquele trabalho... talvez que a nossa política de estarmos cada um na sua escolinha e a viver o seu mundo, não foi fácil esta transição, de irmos, de partilharmos, de reunirmos sobretudo, deflectirmos sobre aquilo que fazemos; essas práticas ainda estamos agora a tentar desenvolvê-las no grupo em conjunto; não quer dizer que isso fosse feito até aqui, mas muito para si só, não é?

EU: Estão a passar por várias fases?

E3: Por várias fases; e esse trabalho em equipa está a tentar ampliar para uma realidade que a mim me satisfaz; é natural que se estivesse com outras colegas era natural que dissessem que sim, mas para mim ainda não é aquele trabalho que me satisfaz, aquele trabalho de equipa de reunir...e depois é isso, ele... neste momento que os professores são tão... é tanta coisa, tanto trabalho, tanta papelada, que para aquilo que nós devíamos ter tido, deixa de ter tempo...

EU: E agora, com esta nova realidade vão precisar de nova formação, de outro tipo de formação?

E3: Olhe, eu sinceramente não sinto essa necessidade...

EU: Nem com as novas tecnologias?

E3: Não, eu sempre trabalhei com as novas tecnologias; e depois quer dizer, isto do agrupamento temos uma coisa boa, é que temos a coadjuvação, por exemplo eu tinha este ano aulas de TIC em que tinha uma professora das Novas Tecnologias comigo; éramos as duas a trabalhar com os miúdos; eu terminei um quarto ano em que as crianças dominavam o powerpoint lindamente; eles faziam trabalhos da Área de Projecto e apresentavam em powerpoints sem problema nenhum. Dominavam eles muito melhor o programa do que propriamente eu; por exemplo o Publisher, queríamos fazer um convite para uma reunião de pais, eles faziam o

convite em Publisher, não tinham problema nenhum. E... Portanto, esta concentração para nós é muito enriquecedora; além de haver a partilha, acho que também da parte dos professores da equipa, que eles também gostam muito, mais do que as Actividades de Enriquecimento Curricular. Eu penso que os professores daqui gostam mais daquelas actividades em que nós estamos presentes em que podemos dar o feedback sobre a situação, que sejamos nós a dizer, gostava de fazer este trabalho, vamos propor este trabalho, vamos tratar durante este tempo fazer isto com os miúdos para que eles dominem este programa ou aquele; e portanto essa formação tem-se; nós agora ainda este ano tivemos uma formação de Matemática e foi extraordinária; porque a gente nunca sabe tudo, há coisas sempre a descobrir, há desafios que até nos levam que a gente queira fazer de uma forma diferente, e portanto, formação nunca é demais. Só que agora o que é que a colega vê? É que a colega chega às quatro horas, deixa a escola, e tem que ir para Ponte de Lima ou não sei para onde para uma formação, e chega de noite a casa. Onde fica o tempo de preparação das aulas do dia a seguir? É que muitas pessoas pensam que professor que fecha a porta e acabou a escola, mas não acabou.

EU: Acha que houve críticos em relação a todo este processo?

E3: Ai muitos! Ai muitos...muitos mesmo; aliás houve uma grande reacção à criação deste...

EU: Da parte dos docentes? Ou da parte da comunidade?

E3: Nem tanto, da parte da comunidade, mais...da parte da comunidade mais...e alguns aspectos eles teriam razão. E nós estamos a ver a gora que eles têm, porque o ideal seria haver dois núcleos...é muita gente para um edifício só. E depois foi uma mudança muito brusca para as crianças; estavam habituadas a ter o seu espaço, que queriam só para eles e agora têm que partilhar tudo. E este processo de transição, mesmo para as crianças não foi nada fácil; eu digo que dá muita pena das crianças que chegam pela primeira vez àquela escola. E o primeiro ano foi muito complicado...foi muito complicado. Muita agressividade, porque se vem um dia de chuva a colega não tem onde meter os miúdos, o polivalente não é suficiente, aquilo faz eco e a nível de audição é terrível; ...os miúdos não têm...não estavam habituados a estar assim num grupo tão grande, a partilhar as

coisas; foi uma transição muito brusca, muito complicado, muito complicado...e agora não está fácil...nós a nível de comportamento, lá na escola, ainda temos muito, muito, muito que trabalhar. Aquilo não está a trabalhar bem...

EU: Mas também houve pessoas que foram muito mais colaborativas, em todo este processo...

E3: Sim...há sempre uma parte que é mais colaborativa e que achava que deveria ser, que estávamos a dar igualdade de circunstâncias a todas as crianças, todos iam ter os mesmos recursos, as mesmas...todos os materiais inovadores que tínhamos não eram só numa escola, porque o que acontecia nas escolas isoladas era isso, o professor se fosse lutador e quisesse e tal, teria aquilo que queria e é muito mais fácil para a colega ter um trabalho de raiz de 3 ou 4 anos, e dar seguimento de uma colega que vem de Vila do Conde, e não sei o quê e está a conhecer uma realidade completamente diferente, que agora chegam à nossa escola e pelo menos há sempre um professor, um núcleo de professores, que os pode receber, que os pode orientar, que lhes pode dar umas dicas. E pronto, no meio rural ou numa escola isolada a colega é que tinha que descobrir tudo; depois íamos ter as reuniões de quando em quando, mas era sempre diferente, não era. E nesse aspecto nós...nós beneficiamos muito, foi muito bom. Agora...é uma escola, a escola deveria ter mais espaço, deveria ter mais salas de aula, deveria...não é uma escola suficientemente grande para o número de alunos que temos.

EU: Portanto, assim em termos gerais, qual é a sua opinião pessoal sobre esta transformação organizacional e técnico-pedagógica e a relação, digamos com a profissionalidade docente? Como é que resumiria isto?

E3: Não estou a entender muito bem o que é que pretende...

EU: De todo este processo, o que é que foi bom...houve uma transformação, e também digamos técnico-pedagógica e até que ponto é que isso se reflectiu em termos da profissionalidade docente?

E3: Em termos da própria sala de aula?

EU: Sim.

E3: Olhe... o que eu penso, o que eu sinto, o que eu sinto nisto tudo é o que já tenho vindo a dizer: acho que estamos numa escola, que quando alguém a visita é a escola modelo, é uma escola linda, com muita cor, mas o que vemos com os olhos, na prática não resulta devidamente. Portanto, temos espaços perigosos para os miúdos, em que os miúdos não podem andar à vontade, a nível de materiais há muita coisa que deveria ter sido diferente, porque são perigosos para as crianças, e não temos os espaços que gostaríamos de ter para eles. A nível de, dos materiais, sim senhora, encontramos materiais que temos, temos um laboratório de Matemática, temos a sala de informática, temos essas coisas todas, que é uma maravilha para podermos trabalhar, e podemos fazer certas coisas que gostámos de fazer. Temos as aulas coadjuvadas, outra maravilha, então a Física e Química, e Ciências Experimentais extraordinárias, criou-se lá um laboratório e também está muito bom. A nível de Matemática, temos o laboratório de Matemática, o Plano de Acção da matemática, embora eu sinta que não nos trouxe muito de novo, a não ser os materiais. Mas o Plano de Acção da Matemática, penso que de uma maneira ou de outra, todos nós a Matemática já têm sido abordados de uma forma mais prática com os miúdos e não foi este Plano de Acção que nos trouxe grande, grande coisa. Mas de qualquer maneira, também é uma boa aposta. Portanto, todos estes pormenores, são muito bons; agora, como reflexo na minha sala de aula, eu muitas vezes sinto-me limitada, quero fazer alguma coisa, e como é...faz este ano e não faz aquele, porque temos 4 turmas de quarto ano, esse tal trabalho em equipe onde é que está a falhar...queremos ir para algum lado, 4 turmas é muito, tem que ser logo 4 autocarros, se fosse uma turma só, nós com o autocarro da câmara, resolvíamos a situação; queremos uma visita ao concelho para dar um determinado conteúdo de Estudo do Meio, tem que ser logo 4 autocarros que é uma fortuna, se fosse uma turma só, está a entender...a esse nível a nível de comunidade, querer fazer certas coisas com a comunidade, por exemplo que eu fazia muito à noite que é quando os pais têm mais disponibilidade. Ora é muito aborrecido, ou se faz ao fim de semana, mas no fim de semana as pessoas também têm a vida delas; durante a semana dizer aos pais, para à noite virem de 13 km à escola a uma reunião, ou isso, é muito complicado, faz-se no final do dia às seis horas, às seis horas já depois colide um bocado com a hora de jantar, e isso...mas é o que eu tenho feito e faço sempre, primeiro com pais periódicas, faço agora às seis da tarde, mas às vezes sinto-me limitada, mesmo

por exemplo à noite, à noite tenho que pedir a funcionários para ir para lá, não é, e sinto que estou a mexer com o trabalho dos outros. Isso já cria um certo...não, já não vou fazer neste horário para se evitar...

EU: Têm outras limitações...

E3: Temos algumas limitações, algumas...até bastantes limitações; e depois neste nível, a este nível temos que ter uma imposição de horários, porque esta coadjuvação assim o exige, não é, porque nós para termos a coadjuvação temos que ter o horário do professor disponível; tem que haver esta ligação toda, e tudo isto é bom por um lado, mas limita-nos por outro. Mesmo por exemplo, eu tenho PAM de 15 em 15 dias, eu já vou poder projectar aquilo que quero fazer nessa aula para esse dia; mas quantas vezes surge a ideia de naquela altura nos dá jeito estar a trabalhar outra área, ou outra coisa, mas tem que ser aquilo, porque eu tenho lá o professor comigo e é aquilo que eu tenho que fazer, está a entender? Pronto, e não dá...não dá margem de manobra; aquele espírito que há de primeiro ciclo, que tem, que tem um programa, mas que é orientado e organizado, conforme dá mais jeito, conforme os interesses da criança, conforme tudo, deixou de ser porque quase tudo nos é imposto; nós temos um horário que nos é imposto, é dado no início do ano, tem aquele horário, embora eu, sinceramente, troque, não cumpra e não tenha medo de dizer isso à minha directora, porque ela sempre foi uma pessoa muito receptiva a todas, a tudo, uma pessoa muito aberta ao diálogo, pessoa muito humana, portanto não tenho nada ...e digo-lhe mesmo...tá a ver, por exemplo, nós temos um livro de sumários quase igual ao que os professores têm aqui; e nós as coisas, não é...nós fazemos tanta coisa em pormenor, e depois a colega tem uma dinâmica, por exemplo, no momento da escola moderna, por exemplo, a gente faz o plano de aula com os miúdos, o plano diário é fixado, como é que eu vou transpor o que os miúdos fazem para aquele meu, e depois é só um registo, só para dizer que está registado...para quê? São estas pequeninas coisas que a mim às vezes me deixam angustiada e parece que me tiram liberdade, de querer ser como sou e aquela professora que os professores gostam que seja, não é, porque os miúdos gostam desta partilha...

EU: Deixou de ter liberdade em relação aquilo que era?

E3: Isso...não toda, mas alguma deixei, alguma deixei; aliás, já na questão da avaliação, já tive problemas graves aqui no agrupamento por causa disso, por recusar a avaliação quantitativa, e...e...apesar de fazer ver por a mais b...eu tive alguns problemas já ...já...já...já...já sofri bastante; com o agrupamento vertical, com as metodologias de trabalho, já sofri bastante, já. Gosto de tudo muito registado, de tudo muito...não registado, para dizer que está no papel para se ver, não; é uma coisa que é feita, não é para estar no papel, que é feita, e se entrar na minha sala, os alunos sabem o que é que está feito, o que é que nós fizemos, avaliaram, o que é que não fizemos, o que é que passou para o dia a seguir, e isso tudo e depois Há certas metodologias que toda esta organização nos vai impedir quase de as por em prática. E se as põe tem que as por de uma forma ...ninguém lhe vai dizer, não ponha mas ao fim e ao cabo vai ter que fazer certas coisas que vai fazer e que não têm que ver com a realidade da sala de aula; pronto, se tenho um horário, no tal livro de ponto, se tenho Português, Matemática, Estudo do Meio, posso ter muitas vezes, isto tudo e o Estudo do Meio esteve junto com a Área de Projecto, foi trabalhado em Área de Projecto e a Área de Projecto é só na 5ª feira, está a entender? Esta, esta mobilidade, que nós os professores do primeiro ciclo, de acordo com as idades que temos, devia ser uma realidade diferente; e isto do vertical está-nos a levar a que seja tudo igual...muito, muito parecido; e é essa a única tristeza que eu tenho. E já disse, mesmo à nossa directora, e tudo, cada vez mais estão a fazer assim e não deveria ser assim; eles têm que olhar que o primeiro ciclo que é uma realidade diferente; mas eles acham que tudo pode ser...e depois pode ser...

EU: Improvisado...

E3: Isso tudo, improvisado; e a pouco e pouco, a pouco e pouco eles estão a conquistar alguma coisita e para a maior parte dos colegas ...isso não lhes...como é que lhe hei-de explicar...não mexe com eles...

EU: Aceitam?

E3: Aceitam perfeitamente de ânimo leve, e está tudo bem; às vezes até sinto que parece que sou a má da fita; que não...que não aceito muito bem estas ...eu até não sei se deveria estar a dizer...um bocado a má da fita, porque estou sempre a rezingona, porque é isto assim, porque é que não, porque é que não fazemos de

outra maneira; nós somos diferentes, vamos propor ...não podemos fazer isto desta maneira ou daquela...as nossas idades...sempre a olharem com estas características do 1ºciclo, e acho que estão a ser esquecidas; acho que foi o principal defeito do agrupamento vertical; e acho que isto já estar a ver também com o Ministério, muitas coisas também já é o Ministério que impõe. Pronto, é tudo, tudo uma linha burocrática, que não está a deixar gerir as coisas como devem ser geridas, e nos está a tirar um bocado a liberdade, de trabalharmos como devíamos trabalhar; já não digo como é que gostaríamos, como é que deveríamos trabalhar nestas idades; porque é muito complicado...uma hora e meia para umas criança com uma área só, nestas idades, não dá...

EU: Difícil de gerir...

E3: Então o 1º ano, veja...e as áreas de expressão que são tão importantes para eles...pronto; depois também tem esta coisa, está a ver? A escola a tempo inteiro, as crianças sempre metidas no mesmo espaço, algumas ficam lá até às seis e meia da tarde, e tudo isso está a criar um ...a nível de comportamentos está a ter um reflexo muito, muito mau...

EU: Mais nos alunos do que nos professores?

E3: Sim, nos alunos; mas os próprios professores que vão para lá vêm-se perdidos para trabalhar com os miúdos, porque eles já estão numa fase que não ...não conseguem estar na sala de aula, querem outros espaços, querem actividades que não lhes exijam tanta atenção, concentração...actividades mais libertas, e tal...e está a ser complicado, esta escola a tempo inteiro está a ser muito complicado ; e claro, e depois é que estão a por algumas áreas do programa, que o próprio Ministério diz na legislação, que algumas destas áreas , se puder, se for possível, que as coloquem nas actividades, que isto não é o agrupamento que faz; é tudo o Ministério, que as coloca em tempo de Enriquecimento Curricular. E tem que por...e depois nenhuma actividade pode ter menos...ou não sei se é menos...de 50 minutos...acho que é...tem um tempo estipulado, que nós já pedimos que em vez de as crianças terem duas actividades, que eles têm a correr uma actividade, vão a correr para outra, e andam neste...neste frenesim o dia todo e é muito complicado para estes miúdos. Não podemos, porque há toda uma série de leis, de legislação que impõe, o agrupamento tem que fazer e temos que

mostrar que na prática que é assim, mas nunca ninguém veio perguntar se isto resulta, e os aspectos positivos e negativos. E então os negativos são muitos, então a nível de comportamento das crianças, se a colega tiver a oportunidade, venha cá um dia de aulas, ver o ambiente daquela escola, que é um ambiente eufórico, que as crianças têm muita necessidade de se libertarem de estarem, de se sentarem, de andar para aqui, de andar para acolá, agora tenho isto para fazer, agora tenho aquilo para fazer; pronto, eles acabam por não ter o seu tempo que é precioso, não é, nestas idades. Depois chegam a casa tarde, não vão com cabeça nem para fazer um trabalhinho; então o professor deixa de marcar o trabalhinho de casa porque o tempo da escola não é suficiente, porque a criança chegou muito tarde a casa, e levanta-se de madrugada para vir para a escola, e depois a colega só dá intervalo às 11 horas e há crianças que estão na escola desde as oito e meia, e saíram de casa às 8 com o pequeno almoço, portanto a colega tem que forçosamente a meio da manhã dizer – comam alguma coisa – porque a criança não aguenta das 9 às 11 sem comer qualquer coisa, e sente fome...portanto, é todo um processo que a gente lá de cima não vê, e não vê que são crianças entre 6 e 10 anos de idade, não é? E tudo isso, realmente a nível de comportamento estar a ter reflexos muito, mas muito negativos ...está a ser muito mau...não está a ser fácil ...e estar lá.

EU: Pronto, então eu queria agradecer a colaboração ...portanto mantenho o anonimato em relação à pessoa que colaborou e mais uma vez reafirmo que o resultado deste trabalho será depois dado a conhecer . Obrigada.

E3: Tá...

ENTREVISTA 4

EU: Portanto, eu solicitei a colaboração da colega para este trabalho de Mestrado em Supervisão e Orientação Educativa que é subordinado ao tema da Profissionalidade Docente e do reflexo do agrupamento nesta mesma profissionalidade. Garanto desde já o anonimato e procurarei informar dos resultados da investigação. E então antes de mais eu gostava de saber qual é a idade da colega, qual a categoria o tempo de serviço, o cargo e o papel, se é que teve desempenhado ao longo do processo da formação do agrupamento.

E4:Portanto relativamente ao nome já sabe, M.E.S.S., a minha idade 52, trinta e quatro anos de serviço, de entre estes trinta e quatro, a maioria em Paredes de Coura, só trabalhei um ano em Campos - Vila Nova de Cerveira; ou seja os concelhos onde trabalhei foram Vila nova de Cerveira e Paredes de Coura. Presentemente fui coordenadora de docentes de titulares de turma e tenho tido vários cargos ao longo da carreira; parece que tudo me toca também... desde directora de Escola, Coordenadora, em vários organismos....

Relativamente ao agrupamento, aliás eu sou uma das primeiras que esteve naqueles trabalhos de estudo propriamente dito de projecto sobre um novo agrupamento sobretudo da concentração de Escolas não propriamente um agrupamento. Mas como sabe nós temos no primeiro ciclo uma reorganização um bocado diferente todas as escolas vieram para ali, portanto é uma escola reunida e eu sou uma das primeiras pessoas a pertencer a esse quadro de estudos, a esse grupo de trabalho portanto tive um papel directo no estudo propriamente do agrupamento.

EU: Então foi tendo conhecimento da legislação ao longo do processo?

E4: Mais ou menos, porque relativamente a isto... sinceramente olhe nós temos que ter uma legislação sempre connosco que é do trabalho, o cumprimento do trabalho, o cumprimento do rigor em termos de horário o cumprimento do curriculum e o cumprimento de uma relação humana que não se pode deixar para trás. Depois claro temos que trabalhar dentro de uma lei porque somos cidadãos, somos cívicos e isso tudo; mas se me perguntar concretamente qual é o decreto que vai abranger aquela ou outra lei passa-me ao lado. Não sou muito legalista, não sou muito de ir ao fundo da lei e estar sempre com o decreto presente para

poder fazer isto ou aquilo. Claro que a gente cria um objectivo, cria uma estrutura e depois vai ver onde vai enquadrar aquilo, mas sinceramente não sou muito ligada...advogada ou juiz nunca seria ...

EU: Considera que houve razões que levaram à criação...do agrupamento!

E4: Sim... razões físicas... e depois enquadradas dentro de um suporte legal é evidente não é. A principal razão física foi a diminuição do número de alunos nas escolas que nos levou a reunir as crianças todas num só edifício. Cada vez menos meninos, portanto a relação professor aluno ficou numa... mais ou menos nove, oito em termos de concelho e isso é muito pouco não é. Muitas Escolas funcionaram durante anos com três, quatro e cinco... é muito complicado. A realidade física era complicada, era urgente fazer uma reformulação do processo. Agora a base do decreto legal ultrapassa-me.

EU: Então e que tarefas foi tendo ao longo do processo?

E4: Pronto, sempre no círculo de estudos, como professor, como testemunho como organização num todo do que seria a nova escola; portanto colaboradora directa, porque não havia cargos específicos para cada pessoa. Havia um círculo de Estudos e esse círculo de estudos era...

EU: E os contributos?

E4: Era composto por várias pessoas, cada uma tinha o seu papel não é... portanto o nosso papel era mesmo fazer o estudo da organização, fechando todas as outras Escolas e vindo parar a um edifício só; em termos de organização de horário de transportes de... toda a logística do que seria um novo quadro de escola.

EU: E como é que sentiu o evoluir do processo na classe docente?

E4: A classe não reagiu positivamente! A classe no meu tempo era outro...era mais difícil, ainda não estávamos muito habituados e sobretudo o professor do primeiro ciclo a trabalhar em mono deficiência. Portanto o ter que vir para um agrupamento onde estivessem quarenta, cinquenta professores, de alguma forma estava a preocupar, porque iria cada professor deixar de ter a sua sala, iria deixar de ter o seu espaço, para haver um espaço comum para todos. E isso de certa maneira foi a principal barreira; não tanto o desenvolvimento pedagógico ou

desenvolvimento curricular, penso que isso se ultrapassou muitíssimo bem, mas mais toda a forma de gestão, porque a Escola era só uma e agora ia ser uma mas para todos... portanto isso aí era a principal barreira que a gente sentiu em termos de professores... que eu acho que foi fácil de ultrapassar.

EU: e como é que caracterizava as condições materiais do primeiro ciclo...?

E4: Não tem nada a ver de facto... bem eu sempre fugi.... Acho que só um ano é que trabalhei sozinha... sempre fugi das escolas pequenas, eu não gosto de estar só, não gosto de estar isolada, e portanto eu trabalhei em várias Escolas e onde eu estava a trabalhar no momento era na Escola da Vila. Para lhe dizer, eu fiquei muito contente com a abertura da Escola nova no ano em realmente mudámos, porque eu ia ter vinte e cinco alunos do Primeiro Ano, nesse ano e estava um bocado aflita porque com vinte e cinco alunos não é fácil... entretanto abriu a Escola e fiquei toda contente porque o meu número de alunos reduziu porque aumentou o das outras colegas e o meu reduziu de uma forma bastante acentuada. Eu como sempre gostei de trabalhar em conjunto, sempre tive uma Escola maior onde as condições também eram melhores. Aquelas colegas que trabalharam sozinhas numa Escola era desolador... eu acho, o termo era esse. E uma pessoa que estivesse ali ou que fosse dali, que lutasse à muitos anos pela questão material, a questão física da Escola, ainda tinha uma Escola mais ou menos organizada. Aquelas colegas que iam e vinham, um ano uma outro ano outra...aquilo era um degredo. Eu não me sentiria lá, nem pensar!

EU: E que metodologias eram aplicadas quando estavam nessas escolas assim mais isoladas?

E4: Metodologias em termos de pedagógicos sim. Eu acho que a média das colegas usava o método analítico; está-me a falar na questão da letra e da escrita e toda a metodologia do trabalho? Eu penso que as colegas utilizavam muito o método analítico, porque foi mais trabalhado na formação de base e no meu tempo...está a ver que sou de setenta e cinco... setenta e quatro, setenta e cinco, portanto o método é trabalhado mais nos Magistérios Primários era o analítico, era o que se apostava não é? Eu pessoalmente, vou falar de mim, eu gostava do método analítico mas nunca fui muito de me contentar e ficando parada à espera que as coisas viessem. Eu portanto fiz várias formações. Fiz uma formação muito

interessante no movimento da Escola Moderna, e sempre gostei muito do método global.

EU: sentiu necessidade de ter formação?

E4: Senti necessidade de mudança de formação..., eu nunca parei em termos de formação ao longo da vida. E eu apostava muito no método global, eu gosto muito que a aprendizagem seja significativa, e só com o método global é que ela é significativa, e acho que dá o melhor resultado... e se não vejamos os brasileiros... Sem ter exemplos é constatar mesmo o meu trabalho e aquilo que eu fiz. Eu acho que o método global embora não fosse muito utilizado (e ainda não é muito utilizado) ainda se recorre muito ao analítico porque o método analítico é mais organizado não é? Dá-se uma letrinha, a letrinha fica aprendida, faz-se um trabalhinho sobre a letrinha, mas longe de ser tão interessante e tão significativo como o método global o método global sai das crianças para fora e este vai de fora para dentro. Portanto nunca me agradou assim muito. Trabalhei alguns anos e até no primeiro ano tinha mesmo que trabalhar global, porque quando saí do Magistério Primário foi no ano da Revolução e nem sequer havia livros, manuais... eu saí com dezoito anos para uma turma, fui para Campos trabalhar e valeu-me muito uma colega com quem eu trabalhava que era a D^aF.G. que me ajudou imenso, foi a minha mãe professora em termos de carreira. Foi uma senhora fantástica, senão era uma confusão. Aí tive que utilizar o método analítico, não tinha outra hipótese. Quer dizer ; tinha outra hipótese mas não me sentia formada para isso...depois a gente vai fazendo formação... porque sem uma formação suplementar (eu não sei como é que está agora a iniciação em termos de Magistério) mas não apostavam nos métodos globais, era trabalhado muito pela rama, a pessoa é que ficava com o bichinho e depois ía atrás deles. Ora no nosso primeiro ano de trabalho, ainda não tínhamos tido acesso a uma formação, embora nesse ano houvesse uma formação muito boa. Fizemos quinze dias de um plano de formação que eu nunca mais me esqueci. Foi muito bom e também me ajudou bastante. Agora em termos de método global...

EU: Na fase da transição para o agrupamento sentiu necessidade de outro tipo de formação?

E4: Eu propriamente não , eu não senti isso porque a nossa Escola já era bastante grande, já era uma Escola de dez doze professores, portanto eu não senti grande diferença, era uma coisa que agradava muito...

EU: E as novas tecnologias?

E4: Bom, as novas tecnologias é coisa que a gente teve que se formar, porque nem pensar, onde é que existia um computador no nosso tempo? Tivemos que fazer formação mas cada um foi furando por seu lado uns com mais resistência, outros com menos, como é evidente, uns com mais gosto outros com menos gosto, mas fomos fazendo formação e lá nos vamos ajudando. Mesmo aquelas que vão tendo mais dificuldade sempre há alguém ao lado que dá apoio. Mais ao menos toda a gente domina as tecnologias de informação, uns melhor outros pior. Dentro desta gente mais nova inventa o diabo a quatro!

EU: E depois da concentração, as condições materiais e pedagógicas também se alteraram?

E4: Atenção há uma coisa que eu tenho que criticar, e vai levar essa critica, que é assim: no nosso estudo da nova escola, nós tínhamos realmente uma escola de sonho, nós tínhamos tido, quando eu ainda estava na escola da vila, tínhamos tido um projecto subsidiado pelo programa Sócrates, com escolas estrangeiras; com uma escola espanhola e uma escola dinamarquesa. Quando nós andávamos a fazer o estudo para a nova escola nós tínhamos ido à Dinamarca, e claro não tem comparação, fiquei encantada com a Escola Dinamarquesa, e isso trouxe muitas ideias para cá. Ideias essas que tem a ver com o domínio dos materiais pedagógicos, e no nosso estudo introduzimos isso logo, tudo isso e mais que queríamos um laboratório, como uma sala apetrechada com... cada sala tem que ter o seu centro de recursos, porque senão é impossível trabalhar. E tudo isso foi pedido e foi programado mas não foi atendido. Um edifício muito bonito, umas condições físicas muito boas, mas no que se refere a material pedagógico, fica muito aquém daquilo que nós sonhávamos ...muito aquém. Temos algumas coisas, mesmo assim melhor do que as escolas velhas não é? Temos uma sala de informática que ajuda muito. Temos uma sala de laboratório, de matemática que também ajuda muito, e ainda agora com a introdução do pano, melhorou bastante também. Temos um laboratório de Ciências que também nos ajuda bastante,

embora não seja aquilo que nós pretendíamos para a nossa escola. Isso ainda ficámos a anos luz de distancia. Cada Escola na Dinamarca tem um centro de recursos lá dentro. A colega não precisa de sair da sala para trabalhar seja o que for; em termos de Matemática, em termos de EVT, em termos de língua portuguesa, de tudo . Desde a tesoura ao livro para consultar, tem dentro da sala...depois com uma biblioteca como deve ser, e com um laboratório como deve ser, e como uma sala de oficinas como deve ser, tudo. Nós aqui ficámos muito aquém. Eu fiquei muito triste, eu pensei que a escola ía estar melhor apetrechada nesse aspecto.

EU: Portanto decepcionou-a de alguma forma?

E4: Sobretudo isso, na questão de material pedagógico. Bem como ainda agora eu já tinha pedido a reforma, e estava a fazer uma formação de Ciências, que gostei muito dela, que tinha muito pouco, ou melhor eu tenho muitas horas em formação de Ciências porque, que eu fui ensinada a investigar durante cinco anos, e tenho muitas horas de Ciências mas...ainda não estava bem e fiz essa de Ciências e gostei imenso. Primeiro reagi muito mal porque aquilo já não era para mim, era muito confuso, muito complicado, mas depois comecei a gostar muito da formação. E como estávamos na formação de Ciências tivemos direito a um reforço monetário para comprar, para aquisição de material. Nós precisamente este ano tivemos mil e oitocentos Euros, mas mandámos a requisição do material mas ainda não estão, não se estarão em Setembro, não me parece...!

EU: E então em relação à associação, à concentração e à criação do agrupamento, como é que os docentes de uma forma geral reagiram?

E4: É assim, olhe: num primeiro momento, éramos tudo professores aqui do concelho, éramos vinte e um ou vinte e dois professores. Aqueles professores mais velhos, não queria dizer mais velhos, aqueles que tinham mais anos de serviço, ficaram um bocado apreensivos porque eles vinham habituados a trabalhar com pouquinhos meninos, depois iam ter muitos mais, habituados eles sozinhos a decidir, a ter autonomia para tudo e isso ia acabar. Habituados a ter o armário deles, a salinha deles o espaço deles, isto ia de alguma forma acabar, não completamente, porque os meninos têm a sala aberta onde eu posso ir lá pedir alguma coisa ou usá-la para outras actividades, portanto é uma Escola polivalente,

onde a Escola é nossa é de todos, que era esse o meu conceito de Escola. Isso aí foi atingido...Foi uma barreira grande para os colegas, o que é natural, que eu compreendo que seja natural. Mas depois houve uma coisa interessante. É que havia já um grupo de professores, uns já tinham pedido a reforma, outros estavam prestes a ir-se embora, portanto foi aquele primeiro ano de adaptação em que ficaram em apoio ou qualquer coisa, e um grupo grande foi já embora.

EU: Esses seriam os críticos?

E4: Não tanto. Os críticos um pouco éramos todos, porque era uma situação completamente nova, não é? Não queria entrar por esse lado, porque nós nunca podemos concordar com tudo, todos não é? Portanto tem que haver sempre críticas, as coisas têm que ser criticadas para melhorarem. Portanto não se consideraria esse número de críticos mas os mais apreensivos. Com mais relutância, com mais medo, propriamente de enfrentar uma situação nova. Seria esse grupo. Depois começou-se a intruzar já um grupo de professores que vinham de fora, novos, e a situação começou a desvanecer...Os professores começaram a achar que a Escola era muito bonita, que havia muitas condições...

EU: E começaram a ser mais colaborativos foi?

E4: Colaborativos também os outros eram. Eu não vou pela colaboração, vou por aquele aspecto: a pessoa ficava muito intrigada entre si, será que isto vai dar certo? Era mais nesse aspecto. Quando vou fazer uma experiência nova estou expectante a ver o que aquilo vai dar. Estes colegas estariam nesta posição. Porque eles também entendiam que a situação em Coura tinha que ser modificada, era impossível. O que é que os colegas estavam à espera de fazer? Porque é nos centros escolares sabe?... Eu por acaso não sou a favor disso, era a favor de um centro só, num primeiro momento até se pensou em dois centros, depois chegámos à conclusão que dois centros seria muito porque o concelho é muito pequeno. Pronto a opinião dessas colegas era essa, portanto a por sempre reticências em tudo. Será que isso vai dar certo? Será...porque era tudo novo na vida delas. Ao fim de trinta anos de serviço, ou trinta e dois, era uma mudança radical, é natural que as colegas...

EU: E aí os colegas sentiram necessidade de apoio, de formação para enfrentar a nova realidade?

E4: Eu, sabe, é uma coisa muito interessante porque começamos a ter reuniões mais assíduas, nós passámos a ter reuniões mensais, e nessas reuniões nós tínhamos que nos encontrar e ajudávamo-nos muito uns aos outros. Portanto esse aspecto acho que as colegas foram desvanecendo bastante cedo.

EU: Passou a ser um trabalho mais reflexivo, mais e colaborativo?

E4: ...Mais colaborativo, exactamente, e nesse aspecto as colegas ultrapassaram rapidamente essa apreensão, não é? Pronto depois há sempre... é tudo uma novidade, como lhe digo não é fácil ultrapassar trinta e quatro anos de serviço ou trinta e dois anos de serviço numa escola em que elas eram sozinhas, não é? Mas nesse aspecto elas estão sempre colaboradoras e abertas à experiência também, embora houvesse essa tal interrogação que eu lhe digo. Dará certo não dá? Enquanto que nós, vai dar, vamos para a frente, o que é natural, a tal idade física a contribuir também para a reflexão, não é? Quanto mais novos somos mais abertos estamos à inovação, acho eu. Não quer dizer que a idade também nos retire o poder de inovar e de estar a favor da inovação, mas, temos outra maturidade, e a maturidade entra aqui. Seria o que se estava a passar com essas colegas, penso eu. Sempre muito colaboradoras, sempre... toda a gente pronta a ajudar, em termos de formação sempre... que nós temos um centro de formação não é, toda a gente se inscrevia em formações...nunca senti que as colegas não se quisessem formar. Cada vez mais.

EU: E adaptar a uma nova realidade...

E4: ...uma nova realidade e sempre interessadas em saber como mudar esta atitude como fazer. Essa reunião que lhe digo, reuniões de docentes, eram importantíssimas para nos ajudar a ultrapassar essas dificuldades. A formação propriamente dita, também não havia muita formação nesse sentido, porque era inovação também para nós, era tudo novo. Aliás quando nós fizemos o projecto da nossa Tese também, sobre a nova reorganização escolar, tivemos muita dificuldade em encontrar suporte escrito. Porque só havia uma experiência assim uma em Espanha e outra em França, e todas as avaliações, na França nem tanto mas a avaliação da espanhola era terrível! A reacção dos pais...nós aqui também nos reunimos um bocadinho mas ficámos um bocado assustadas, até com o suporte legal que encontramos em termos escritos. E havia muito pouco. Portanto isto era

realmente novo, era uma situação realmente nova. E o desafio ainda era maior para mim, não é? Daí eu compreender muitas colegas estarem assustadas entre aspas.

EU: Quer dizer, com características muito próprias...

E4: ...muito próprias exactamente, e onde não havia modelos. Não havia modelos como o nosso...em Portugal não há nenhum modelo com estas características. Poderão agora a ser implementadas agora outros agrupamentos deste tipo, mas o nosso era único. E mesmo, é o que lhe digo, em suporte legal não havia assim muito...não havia a não ser em Espanha essa tal experiência e em França.

EU: Então em termos globais qual é a sua apreciação em termos de transformação organizacional ...

E4: Sim...

EU: E em termos técnico pedagógicos e depois o reflexo disso na profissionalidade?

E4: Eu para mim acho que é em termos gerais, como eu costumo dizer muito excelente. Primeiro, olhe, em termos organizacionais nós temos pessoas destacadas para esses trabalhos, temos a coordenadora da escola, coordenador de deficientes, coordenador de titulares, e isso de certa maneira facilita o trabalho. O trabalho fica organizado. Estamos todos juntos para fazer as reuniões, é muito mais fácil reunir. Há um dia próprio para as reuniões, é muito mais fácil. Quando trabalhávamos nas Escolas isoladas às vezes tínhamos que esperar pela colega das cinco e meia, ou não dava jeito porque a colega... era uma limitação, era um contra. Aqui não, isso ultrapassa-se. Há uma reunião urgente é fácil combinar com os colegas o dia da reunião. Portanto em termos organizacionais melhoramos muito. Em termos pedagógicos muitíssimo. Porque nós somos obrigadas a confrontar as ideias, nós somos obrigadas a partilhar, nós somos obrigadas a apreender uns com os outros, portanto isso é muito, muito excelente. Em termos físicos é também muito excelente, embora a escola tenha alguns contras não é? Mas a gente só vivendo é que sabe das coisas. Se calhar se o arquitecto fosse fazer hoje aquele projecto faria algumas alterações. As salas são pequenas, os espaços de arrumação são muito poucos, os espaços de encontro para aquelas

crianças todas não tem condições de som. Nós quando queremos fazer uma reunião de Escola temos que fazer no Centro Cultural, temos que sair. Portanto há muitas coisas ali que deviam ser reformuladas. No entanto é uma Escola muito boa. Nós entrámos para ali no Verão, um bocado quente porque há muito vidro, mas no Inverno nós estamos confortabilíssimos lá dentro das salas. Quentinhas, o nosso maior tempo escolar é durante o Inverno, portanto acho que não temos nada a dizer sobre isso. Depois a gente quanto mais tem mais quer ter. Portanto o ser humano é sempre assim, nunca está contente. Nós estamos sempre a encontrar defeitos aqui e acolá...mas diga-se de passagem comparativamente com as Escolas que tínhamos, não há comparação possível. É a água e o vinho. É o azeite e vinagre, não tem nada a ver. São umas condições muito melhores. Muitas mais casas de banho para as crianças, muito mais apoio em termos de pessoal auxiliar, a cantina a funcionar muitíssimo bem, as condições são outras, não tem nada a ver...Penso que toquei os três aspectos que me pediu.

EU: Sim. Quer acrescentar mais alguma coisa?

E4: Não. Poderia acrescentar que, por exemplo, uma coisa que me chocou no princípio é o nosso agrupamento no princípio era vertical...

EU: Não, primeiro era horizontal.

E4: Era horizontal de facto, estou a confundir, agora é que é vertical, exacto. E portanto nós continuávamos a ser autónomos. Tínhamos o nosso executivo, só nosso do primeiro ciclo. E o professor do primeiro ciclo é um bocado, talvez por trabalhar com a faixa etária em que trabalha, em que nós somos tudo; mães, psicólogas, médicas, enfermeiras, auxiliares de acção educativa, mulheres de limpeza, tudo, vemos as coisas muito nossas. Tanto é que nós dizemos sempre; é a minha turma. Não dizemos a turma da Escola, ou o primeiro A ou o segundo B, dizemos a minha turma, e isso vai continuar assim. Relativamente aos professores do primeiro ciclo acho que também é importante isso. Mas como o nosso agrupamento era então horizontal, nós estávamos habituados a ter ali directamente o nosso colaborador também do primeiro ciclo. Quando o agrupamento passou a vertical, houve aí uma reacção. As pessoas começaram a ter que se deslocar a esta Escola, já não era só o nosso colaborador a decidir, já eram os outros, e foi mais uma luta para os professores do primeiro ciclo. Hoje em dia penso que até

isso também se ultrapassou. Nós estamos todos no mesmo barco, o barco é o da Educação desde o pré escolar até ao secundário... Acho que isso é de louvar da parte de todos porque houve um esforço grande. Repare que a nossa mudança foi radical, todos os professores que entraram nesta Escola eram velhos, entre aspas, todos tínhamos mais do que vinte anos de serviço no concelho. Portanto foi tudo, tudo, mudar tudo. Depois no primeiro e no segundo ano, muitos poucos anos que nós tivemos o nosso agrupamento, e que depois passámos para vertical. Outra alteração. Quer dizer houve aqui tantas batalhas, tantas lutas. Depois o agrupamento, o executivo não entendia muito bem o que se passava no primeiro ciclo. O primeiro ciclo não entendia porque é que o executivo não entendia o primeiro ciclo, e havia aqui esta luta. Hoje, graças a Deus está tudo ultrapassado, e tudo a funcionar muito bem. Portanto eu quero deixar aqui uma palavrinha de louvor, não só aos professores do primeiro ciclo, mas como também ao nosso executivo, pelo entendimento que se tem vindo a gerar, que é muito bom. Cria boas condições de trabalho e entendimento, o que é óptimo para que a Escola seja de sucesso.

EU: Pronto, então muito obrigada pela colaboração.

E4: OK. Sempre às ordens.

ENTREVISTA 5

EU: Portanto nós...esta entrevista vai se destinar a um trabalho de investigação para a minha Tese de Mestrado de Supervisão e Orientação Educativa, que é subordinada ao tema da Profissionalidade Docente, e os reflexos da criação do agrupamento de Coura, precisamente nessa profissionalidade. Garanto desde já o anonimato e procurarei informar dos resultados, após esta investigação. E começávamos então por, gostava de saber a idade, categoria, tempo de serviço, o cargo e de certa forma o papel ou papeis neste caso desempenhados ao longo do processo?

E5: Portanto tenho quarenta e três anos, sou do quadro agora do Agrupamento de Vila Praia de Ancora, para o próximo ano. Até trinta e um de Agosto deste ano pertenço ao quadro de Escola daqui da EB2 3 S de Paredes de Coura. Tenho como tempo de serviço dezoito anos, e estou agora neste momento já exerço o cargo de Directora do Agrupamento Vertical de Escolas do Território Educativo de Coura. Relativamente ao meu papel no processo de Agrupamento, portanto não sei se de Agrupamento ou de concentração de Escolas...

EU: Portanto isto teve uma evolução, inicialmente começou por um agrupamento horizontal...

E5: Sim, aqui o ensino em Paredes de Coura existia até 99, até ao ano lectivo 99/2000, existiam duas Escolas, uma Escola EB23, uma Escola Secundária com terceiro ciclo e 21 Escolas do Primeiro Ciclo e 6 Jardins de Infância da rede pública...Depois a partir de 99 extinguiram a Escola EB23S, a Escola EB23 e a Escola Secundária com Terceiro Ciclo, e fizeram esta Escola, que é a EB23S. Eu fui nomeada para instalar a Comissão Instaladora dessa Escola, que ocupou as instalações da Secundária com Terceiro Ciclo, mas que trouxe todos os alunos da outra Escola que foi extinta. Depois em 99, portanto em 99 viemos para cá, depois em 2003/ 2004, foi feito o agrupamento vertical. Portanto em 2003/2004 fizeram com as Escolas do Primeiro Ciclo fizeram o agrupamento horizontal, portanto Primeiro Ciclo e Pré-Escolar. Em 2003 /2004, fizeram o Agrupamento Vertical e voltámos a ser Comissão Instaladora do Agrupamento Vertical. Depois em 2004/2005 é que fecharam as Escolas todas das freguesias e fizeram esta Escola

EB1 com J.I. E aí fui outra vez nomeada, ou eleita (na altura era por eleição), para instalar também a nova Escola , não é. Já não foi Comissão Instaladora porque não foi instalação de Órgãos de Gestão. Era só mesmo o funcionamento da Escola.

EU: Então pelo facto de estar sempre ligada à Escola, de certa forma os Órgãos de Gestão também, o conhecimento da legislação que direccionava para a criação dos Agrupamentos, portanto esse conhecimento foi tido constantemente não é?

E5: Nós acabamos por entrar em Agrupamento, entre o imposto e que tinha mesmo que ser. Porque quando se perspectivou a hipótese de juntar, concentrar as Escolas, pensou-se logo que o Agrupamento Vertical seria o ideal. Foi mais uma sequência, foi um Agrupamento Horizontal já com a ideia de constituir um Agrupamento Vertical.

EU: Porque quando se faz a análise da legislação, portanto a legislação em Portugal já previa há bastantes anos agrupar Escolas não é? O conceito de Agrupamento já não era novo.

E5: Pois mas esse conceito de agrupamento era a nível da Gestão, não do espaço físico. O que aqui Paredes de Coura fez foi para além ... primeiro fez o agrupamento da gestão, de toda a gestão de toda a Escola Pública e depois é que fez o agrupamento físico, portanto a concentração das Escolas.

EU: Quais terão sido concretamente as razões que terão ditado mais a criação do agrupamento? Para além da imposição legal teria havido algumas razões...

E5: Não, o agrupamento vertical não. Foi mesmo a lei. Até porque ao concentrar a Escola com o Jardim de Infância fazia sentido ser um agrupamento horizontal; não tinha obrigatoriamente, porque tinha condições não é. Tinha espaço, portanto quando a Escola foi criada a arquitectura prevê um gabinete de gestão, de secretaria, gabinete de Associação de Pais, prevê tudo como se não fosse nunca agrupado em Vertical. Portanto a Escola foi concebida para um Agrupamento Horizontal.

EU: Mas por exemplo par a criação do Agrupamento Horizontal e agora digamos para a concentração terá havido razões que levaram a isso?

E5: Razões locais sim. Para o Agrupamento Vertical não. Foi provavelmente mais uma questão economicista, porque deixou de haver dois órgãos de gestão, passou a haver só um, não é. Deixou de haver duas Secretarias e passou a haver só uma. Mais por aí. Não faz qualquer diferença. É evidente que depois com o tempo, o facto de todos os professores pertencerem ao mesmo agrupamento acaba por se tornar diferente não é. Em termos de trabalho prático entre professores, mas também porque à partida acaba por haver circulação de professores entre umas Escolas e outras do Agrupamento, mas não foi com esse objectivo. A concentração de Escolas foi um estudo que foi feito sobre a população, não é, sobre o crescimento da população, e chegaram à conclusão que as Escolas com o tempo iam perder alunos, e ficavam numa situação em tinham obrigatoriamente que ir para outras freguesias. Seria mais fácil traze-los todos para uma única freguesia, que seria a sede do concelho, do que andar as carrinhas a levar de uma freguesia para outra, e depois qual das Freguesias ficaria com a Escola. Havia o problema das Juntas de Freguesia quererem ficar, com as Associações Culturais ou com as Escolas, querem sempre...

EU: E nesse, em todo esse processo que tarefas é que foram desempenhadas, a Escola...

E5: A Escola nunca entrou nem na concepção do projecto, não fomos consultados. Qual era o projecto educativo que a Escola tinha, para que daí se construísse um edifício que respondesse a essas necessidades. Isso não foi feito. Quando nós vimos o projecto a primeira vez foi numa apresentação pública. Num powerpoint que vimos o projecto, nunca tinha visto o projecto. Agora a ideia, o projecto foi feito para concentrar as Escolas teve a participação de professores mas já há muitos anos, portanto não dos órgãos de gestão da Escola porque não havia Agrupamento. Portanto nós não interferimos porque não éramos Agrupamento.

Teve com a Delegação Escolar, com professores do primeiro ciclo e depois com o Agrupamento Vertical.

EU: Portanto vocês só entraram numa fase mais avançada...

E5: Nós quando entrámos já estávamos tudo decidido. Portanto não tivemos participação nem na localização da Escola, nem se era melhor criar um pólo ou dois, nós os da Escola EB23...

EU: E partir do momento que vocês entram nesse processo, como é que sentiram a reacção aqui dos docentes do Segundo e Terceiro Ciclo e Secundário?

E5: Não houve reacção nenhuma. É porque nós já tínhamos passado pela situação de juntar duas Escolas, essa foi mais complicada, quando juntaram as duas escolas, quando os professores do Segundo e Terceiro Ciclo tiveram que vir para aqui, aí houve um bocadinho... as pessoas tinham certos medos não é. O facto de haver duas Escolas no mesmo concelho há aquela rivalidade, principalmente quando as duas têm o mesmo nível que era o Terceiro Ciclo. Quando a EB23 tinha a lotação completa mandava alunos para aqui. Mas havia sempre esta... qm tinha mais alunos, os alunos piores eram sempre os que eram mandados... pronto sempre estas guerras. E quando toda a gente veio ocupar o mesmo espaço, o espaço que eram de uns e que foi ampliado para receber os outros, houve naquele primeiro trimestre, um bocado de... não era conflito mas as pessoas estavam apreensivas.

Eu: Vocês aqui não tinham muito conhecimento em termos de condições físicas, por exemplo das Escolas Primárias, o que é que se passava a nível das Escolas Primárias?

E5: Só quando foi feito o Agrupamento Vertical é que começamos a ter essa noção não é? De ir às Escolas ver como eram, mas aí esse primeiro ano de Agrupamento como as Escolas estavam todas separadas, não havia tanto contacto entre as pessoas. Havia nas reuniões gerais, havia nalguma reunião que se fazia, mas na altura nem sequer havia assim grandes reuniões. Havia por exemplo as reuniões que se fazia por exemplo com os professores do quarto ano que mandavam alunos para aqui, não é? Era para saber como é que eram os meninos, para fazer as turmas e assim, mas ainda não havia...

EU: Era um agrupamento mais teórico, era mais administrativo?

E5: Era, era, depois com a concentração e que não, o agrupamento já...

EU: Portanto vocês não tinham qualquer ligação a nível de metodologia, não tinham conhecimento das metodologias que se usavam?

E5: Não, nada, nada. Nós só começamos a entrar mesmo dentro do primeiro ciclo com a concentração das Escolas. No primeiro ano claro os professores do primei-

ro ciclo chegavam aqui isto era uma casa estranha, não é... mas com o tempo isso agora não há qualquer problema. Agora as pessoas vêm cá, têm reuniões, os professores daqui vão lá e não há qualquer problema, não há distinção entre ciclos agora.

EU: E agora relativamente às condições que lhe são oferecidas?

E5: Agora, isto é assim: teoricamente é vantajoso. Aquele espaço para quem e não trabalha lá acha aquilo muito bonito, muito bem pensado, mas tem muitos problemas a nível de arquitectura que condicionam depois a prática lectiva, condicionam. Porque a Escola não foi feita de acordo com o projecto educativo, não foi feito de acordo com aquilo que os professores tinham pensado. Portanto tivemos que nos adaptar aquele espaço. O tamanho das salas por exemplo é mínimo, condiciona o tamanho das turmas. O facto de haver só dezasseis salas de aula, nós podemos ter mais do que dezasseis turmas, mas por outro lado não podemos ter turmas com mais de 22 alunos, que não cabem nas salas. Portanto isto acaba por...depois o facto das actividades do enriquecimento curricular são no mesmo espaço. Mas como não há espaço alternativo tem que ser n as mesmas salas, a maior parte das actividades são nas mesmas salas, e o problema do espaço exterior, é muito pequeno para tantos alunos. Não tem recreios suficientes tantos alunos destas idades.

EU: Em termos de materiais, outras condições ?

E5: Em termos de materiais de partilha de experiencias, de horários, da gestão de horários, permitir que haja tempos já previstos e marcados para reuniões. A ida daqui dos professores do segundo e do terceiro ciclo é muito mais fácil do que ir a 21 freguesias não é ? Enquanto um professor vai daqui dar alguma actividade e pode estar com uma duas ou três turmas, porque não tem que se deslocar, não perde tempo. Não perde tempo em deslocações. Em termos de trabalho entre professores é muito bom e foi muito bom, e cada ano tem melhorado. Há muita partilha agora de experiências.

Eu: Portanto a reacção dos professores do primeiro ciclo são positivas?

E5: O primeiro ano é sempre complicado, não é? As pessoas estão sempre de pé atrás. Não sabem...acabam por desconfiar sempre das intenções.

EU: Havia críticos?

E5: Havia, havia, havia. Havia críticos a nível dos pais, da população e dos professores também. Havia professores que não estavam muito a favor. Porque é diferente, é uma forma de trabalhar diferente. Depois as pessoas pensam sempre; aqueles miúdos tão pequenos a terem que todos os dias andar sempre de auto-carro, não é, virem para a vila... Vêm os do quinto a fazer esta viagem, agora as crianças com 6 anos a ter que fazer esta viagem... isto foi o que pesou um bocadinho. E depois o saírem das freguesias, que as pessoas não gostaram. Tinham a Escola ali, iam os avós os tios os pais, iam a qualquer hora, tinham a Escola ali perto, viam os miúdos a brincar nos recreios. Eu acho que isso é que foi e ainda continua a ser o problema da concentração das Escolas.

EU: E houve participação activa portanto em todo o evoluir do processo dos professores do primeiro ciclo? Eles eram os mais interessados?

E5: Sim eles eram os mais interessados, mas também não foram todos que foram ouvidos. Um grupo é que esteve, nem foi contratada uma empresa para fazer um estudo do crescimento da população, para ver se.... Porque a primeira hipótese que se pôs já há muitos anos, eu já nem me lembro já quando é que isso foi, foi para aí em 96, 97, previa-se dois pólos. Era um numa ponta do Concelho e outro noutra. Mas depois a população foi reduzindo, tanto que acabaram por fazer só um pólo. Porque as escolas das 21 freguesias não era só com um grupo, tinham mais grupos. Foi reduzindo, reduzindo...

EU: E agora a partir do momento que estão no Agrupamento a nível da Formação, tem havido mais cuidado em arranjar Formação específica para o primeiro ciclo?

E5: A formação, a Formação andou às voltas. Nós tínhamos um Centro de Formação, mas só do Agrupamento, não tínhamos mais Escolas associadas. Limitou sempre a oferta de Formação, porque não havia formandos suficientes, não é, porque só era o Agrupamento. Ao nível do Primeiro Ciclo acabou sempre por se conseguir fazer turmas para Formação, e foi-se fazendo, de acordo com aquilo que era sugerido no Conselho Pedagógico, depois de vir do Conselho Docente. Portanto os próprios docentes é que viam, sugeriam que formação precisavam, e foi sendo feita. Entretanto fechou o Centro de Formação e estamos com Ponte de

Lima, Ponte da Barca, Arcos, portanto funciona da mesma maneira. Cada Escola, cada Agrupamento sugere o tipo de Formação que quer...

EU: Esses pedidos vêm directamente dos colegas? Eles sentem essa necessidade?

E5: Sim eles precisam de formação. Às vezes quando não há formação oferecida pelo Centro de Formação, às vezes há formação interna. Portanto os professores de T I C daqui organizam uma formação e está aberta ao primeiro ciclo também. Está aberta a qualquer professor que queira. A Saúde, o grupo da promoção da Saúde promove uma Formação e abre a quem quer. E acaba por se ir fazendo o Formação de acordo com o que se...

EU: E quais foram os reflexos em termos organizacionais?

E5: Para organizar, aquela Escola começou a ser organizada como sendo uma Escola EB23, igual com horários marcados, com tempos marcados, as disciplinas todas marcadas no horário, teve que ser feito assim por causa da gestão dos espaços. Porque ao termos Biblioteca e sala de Informática, tínhamos que rentabilizar esse espaço, e portanto todas as turmas, criou-se um horário que todas as turmas uma vez por semana iam á Biblioteca, e uma vez por semana iam á Biblioteca. Logo aí teve que se fixar os dias em que iam cada turma, e começou-se a fazer os horários. Depois com as actividades de enriquecimento curricular a mesma coisa, não é? Teve que se fazer o horário para, por causa dos professores e das turmas também. E depois acabámos por fazer, isto depois funciona tudo com horários. E o facto de estarmos em Agrupamento permite também que os professores por exemplo: começámos pelo plano de acção da Matemática, nós logo no primeiro ano fizemos, aplicámos o plano ao primeiro ciclo...

EU: Só este ano é que é obrigatório a...

E5: ...o primeiro ciclo mas nós já desde que começou o plano que nós temos no primeiro ciclo. No primeiro ciclo começou primeiro a ser dado de quinze em quinze dias ía um professor daqui fazer, aplicar o plano ao primeiro ciclo. O ano passado já funcionou, todas as turmas têm 90 minutos , em par pedagógico um professor do segundo ciclo com um professor do primeiro ciclo trabalham juntos num laboratório de Matemática. Isto acabou... com aquela o facto de estarem ali todas

as turmas...há muitas disciplinas que trabalham em coadjuvância com professores daqui . Há por exemplo a expressão plástica, também são professores daqui que vão em coadjuvancia com professores do primeiro ciclo; ao nível da Matemática ao nível da Informática, também vão professores de Informática, ao nível das Ciências experimentais do quarto ano, que vão professores de Biologia e Físico-química fazer a parte das Ciências Experimentais no Estudo do Meio. Depois vão... ao nível da Educação Especial, também foi uma vantagem, porque abrimos uma Unidade de Multideficiência, onde professores daqui também vão trabalhar lá. Vão os professores de Educação Física, vão professores de Informática, vão professores de Português, acabam por ir professores daqui trabalhar lá para baixo.

EU: E na parte administrativa?

E5: Na parte administrativa, foi só aumentar o número de alunos e o número de professores e funcionários.

EU: Mas o funcionamento dos serviços administrativos, mesmo. Não alterou o funcionamento?

E5: Não porque o primeiro ciclo administrativamente não tem grandes questões, é só a matrícula dos alunos. É a matrícula e o processo dos alunos. Não tem assim grandes complicações...A nível dos professores a mesma coisa, mais salários de professores para processar o vencimento, para ter os processos individuais. Não teve... tanto que nós mantivemos o número de funcionários. Só o ano passado é que entrou uma funcionária porque entretanto tínhamos perdido dois: uma que foi reformada e outra que faleceu. Em termos de volume de trabalho... porque a parte administrativa, o que dá mais trabalho... porque o primeiro ciclo ao não ter... nós as contas...quem sustenta o primeiro ciclo é a Câmara, não é o Estado, portanto em termos de contabilidade não aumentou porque: os subsídios são pagos pelo primeiro ciclo, os livros também, as refeições é uma empresa mas é a Câmara que paga e que gere. Portanto em termos de contabilidade e tesouraria não houve alteração.

EU: E então em termos pessoais, o que é que pensa relativamente às alterações técnico-pedagógicas que possam ter surgido, ou possam ter reflexos na profissio-

nalidade docente, ao fim e ao cabo? Com a criação da concentração, e depois de certa forma com a criação do agrupamento vertical?

E5: Aqui neste agrupamento o que aconteceu foi que: ao longo deste tempo de concentração da Escola e de Agrupamento, os professores começaram a ter, a perceber como é que eram os outros. Porque chegavam aqui ao segundo ciclo a culpa era do primeiro, chegavam ao terceiro a culpa era do segundo, chegavam ao secundário a culpa era do terceiro, e agora isso já não acontece, porque já todos sentem as dificuldades que cada um tem.

EU: E por tanto há um trabalho mais colaborativo?

E5: ... e reúnem sempre, há sempre em Setembro, desde o dia 1 de Setembro até ao início das aulas há muitas reuniões entre grupos de professores. Por exemplo os professores do primeiro ciclo reúnem com o grupo de Matemática, reúnem com o grupo de Português do segundo ciclo e com o grupo das Ciências e História...

EU: Portanto um trabalho mais reflexivo também...?

E5: Porque eles precisam de saber o que é que eles aprenderam lá em baixo, onde é que eles ficaram, para dar continuidade. E durante o ano há sempre esta troca de experiências...e qualquer projecto que seja...um projecto que seja do agrupamento há sempre elementos de todos os níveis de ensino. A... nas reuniões do conselho pedagógico, no...nos portões... estão lá... estão todos os níveis representados e partilham das ideias, de sugestões, pedem ajuda aqui, os daqui pedem ajuda lá baixo, portanto neste momento...

EU : ... tem um plano de actividades comum...

E5: Portanto as actividades são feitas...lá em baixo fazem actividades para os daqui...os daqui fazem actividades para os lá de baixo, criam...há momentos em que os de lá de baixo vêm cá , os de cá vão lá ...os alunos...há assim essa troca...há actividades comuns que são feitas pelo agrupamento ...toda a gente participa e a... e as pessoas estão completamente á vontade. Os professores do primeiro ciclo e do pré-escolar já vêm cá...

EU: E aqueles resistentes iniciais já desapareceram?

E5: Já desapareceram ...já não há essa resistência...

EU: Portanto a avaliação é positiva?

E5: É... muito positiva...mas...também foi preciso começar a pôr as pessoas dentro...nos locais...não é continuarmos... os professores daqui são daqui, os de lá são de lá. Há este...por exemplo os professores do primeiro ciclo fazem vigilância aos exames... vêm cá fazem vigilância aos exames. Á o período em que eles também fazem, na segunda fase de exames eles fazem vigilâncias, os professores daqui fazem vigilância das aferições. Por exemplo as provas de aferição do sexto são feitas lá em baixo, os alunos vão para lá , para não fecharmos esta Escola ...em vez de fecharmos duas Escolas só fechamos uma...então vão fazer lá...os professores daqui...

EU: ... quarto e sexto...

E5: ... quarto e sexto... fazem todos lá. Vão os professores daqui vigiar e a...há...há portanto esse tipo de serviço que faz parte... nós entendemo-lo como sendo do agrupamento, e se é do agrupamento é para todos fazerem . E estas coisas por...bem...se eles nunca fizessem vigilâncias de exames, nunca teriam a noção do que é vigiar o exame...

EU: E...não tendo contacto com o espaço físico desta Escola...

E5: E isto...isto...toda a gente faz tudo.....o que há para fazer é do agrupamento, toda a gente faz tudo...toda a gente igual, distribuído...desde que haja disponibilidade é para toda a gente...e vão, e os professores daqui vão...vão...e os professores daqui já...já vêm....No início quando...por , agora chega a esta altura e as pessoas deixam...quem tem a certeza que fica para o ano deixa as preferências. A... e há muitos professores daqui que pedem para ir trabalhar lá para baixo. Já vão os de EVT, pronto de início começaram a ir a...no...na...num eram AECS mas eram... nós já tínhamos que ter os meninos até às cinco e meia, tivemos que arranjar... e eles já iam nessa altura, agora vão na componente lectiva. E muito bem ... e portanto já estão na mesma sala professores do primeiro ciclo com professores do segundo, ou do terceiro ou até do secundário. Portanto...a trabalhar com os mesmos meninos. Nós até já sugerimos...por exemplo...enquanto nós aqui temos o sistema de permutas e substituições e...e...essa proposta foi feita

também para o primeiro ciclo. Portanto há um professor que precisa de faltar uma tarde, e então vem aqui...vê qual é o professor que naquela tarde tem disponibilidade e... vai dar aulas lá...ao professor. Portanto há esta...esta partilha. Por acaso este ano não aconteceu porque eles, porque eles não faltaram, os professores do primeiro ciclo, mas sabem que há essa hipótese. Há um... há uma disponibilidade para...para irem lá para baixo. Qualquer um vai lá para baixo, qualquer um faz; quando há dúvidas é preciso saber...ainda no outro dia eu precisei... eu precisei de refazer as turmas de quinto ano e...a... chamei uma professora do primeiro ciclo para vir cá para dizer...para...como é que tínhamos que...separar os meninos...portanto...a...a...nós então este ano a...foi um ano em que as pessoas nem se distingue já de que ciclo são...

EU: Já estão incluídas no espírito do agrupamento...

E5: ...do agrupamento e...a... já tudo que é pensado, é pensado em termos de agrupamento, já não é pensado em termos de Escola...

EU: Então aconselham esse modelo?

E5: Aconselhamos o modelo da concentração de Escolas, isso sim, mas não em grandes...com.... Ou é uma Escola que tem efectivamente condições para ter mais de trezentos alunos, ou... é um grupo muito grande. É vantajoso por um aspecto, por...por um aspecto. Mas o edifício tem que estar previsto porque nós não podemos pensar num edifício onde estão trezentos alunos pequenos. Porque não são trezentos alunos grandes não é... porque se fossem trezentos alunos do ensino secundário não precisávamos de espaço exterior tão grande...não é...porque eles até saem da Escola e vão para o café. Agora se vamos pensar que são trezentos e trinta alunos do primeiro ciclo que querem no intervalo correr, saltar, jogar à bola...ou lhes damos esse espaço ou é para enlouquecer...que é o que tem acontecido. Como não temos espaço exterior suficiente para todos. Tivemos; para já organizar os horários de forma a que eles não tenham o intervalo todos juntos...o intervalo da manhã...a...têm o primeiro e segundo ano fazem o intervalo às dez e meia o terceiro e o quarto faz às onze. Portanto quando entram uns saem outros. O almoço a mesma coisa. Uns almoçam ao meio-dia e meia e outros à uma. Tivemos que alterar os horários para que não coincidam...porque a cantina também pronto....mas a cantina tem mesmo que ser assim...não há outra

hipótese... não se vai fazer uma cantina por cada trezentos e tal habitantes não é? Aí tivemos que gerir assim porque não justifica aquela meia hora...eles tinham que estar na fila da cantina...ora...prefiro que estejam dentro da sala, quando a fila estiver vazia, passou aquela meia hora, então saem e vão. Portanto...assim não perdem o intervalo na...na...fila da cantina.

Mas termos depois...depois o que é que acontece? No intervalo da tarde entre a componente lectiva e as AECS, há um intervalo em que estão todos...e aí é o caos...é o caos pronto...è o caos porque não há..... Depois ainda por cima os recreios... não é um recreio único. Se a Escola fizesse, imaginemos assim... um...um...ele ou qualquer coisa...o recreio fosse todo aquele, mas não...Há recreio para um lado, recreio para outro...divide para um lado divide para outro...quer dizer e depois não há funcionários que tomem conta daquilo tudo. Porque eles metem-se por onde calhar, e a gente não sabe onde é que eles estão. E nestas idades não se pode deixar...

EU: A crítica que se pode deixar é relativamente ao espaço físico...?

E5: O que é preciso... se é para concentrar Escolas é preciso ter que pensar muito bem no espaço físico...muito bem...porque temos que pensar que eles não estão dentro das salas, estão...estão....Primeiro a fazer uma coisa destas as salas devem ser grandes, porque é.... Eu por exemplo eu...eu...a... gostaria não é, que as pessoas trabalhassem por áreas. Em vez de estar...nós ainda tivemos uma experiência assim. Em vez de ser prós professores por exemplo agora cada vez mais à professores que saem das ESS, não é, que vão dar o primeiro ciclo e que são de matemática outros que são de...

EU: ...Educação Física...

E5: Educação Física, outros são de EVT, outros são de Música, não é? Portanto se calhar numa situação destas de Escola concentrada, era rentabilizar esses recursos...e dividi-los por áreas, como está no segundo ciclo. No Primeiro Ciclo ainda há um bocadinho de pé a trás, relativamente a isto, não é? Isto se calhar é compreensível, não é? Eu também não posso...às vezes eu também penso um bocadinho nas coisas sem me aperceber o que é aquela idade, não é? E aquela forma de trabalhar.... Se calhar é o que eles dizem muitas veze... os professores

do primeiro ciclo não é nós não podemos...eles são muito pequenos...nós não podemos já exigir-lhes aquela mudança de professor, aquela mudança de...

EU: ...organização...

E5: Eles precisam de ter aquela figura do professor titular...o professor da turma, precisam de ter aquela figura, portanto, se calhar eles não é... eu vou respeitando essa, essa ideia deles respeito e eles melhor do que ninguém sabem, não é? Eu também não posso, não é...se não vamos começar a ter um primeiro ciclo igual ao segundo ciclo, não é? Mas era no sentido de rentabilizar esses recursos, uma vez que são pessoas que têm...se calhar até são pessoas que estão mais vocacionadas para dar a variante que tiraram do que propriamente o Português a Matemática e o Estudo do Meio. Porque a gente sabe que ou bem que se aprende uma coisa ou bem que se aprende outra. Não é possível ter a mesma formação só do primeiro ciclo, do que a formação do primeiro ciclo mais uma variante não é? E a...mas...nessa...para se pensar numa concentração de Escolas tem que se pensar no espaço. Isso tem obrigatoriamente...isso tem de estar adequado. Porque sem um espaço adequado é o caos...é o caos. E nós temos tido muitos problemas por causa do espaço. Porque aquilo estando lama...estando a chover por exemplo, só há um espaço onde eles podem estar a brincar, que é o polivalente, que é pequeno. Se formos a ver é um espaço pequeno. E...a...tem... a construção não foi bem feita e aquilo faz um eco terrível, terrível. Aquele polivalente aquilo é uma contaminação de comportamentos. Pra mim aquilo...aqueles alunos a... chegam á escola às oito e meia, entre as oito e meia e as nove, aquela meia hora no polivalente é o caos para o dia inteiro. É...é... eu já estou farta de dizer aquela meia hora aquele tempo que eles passam no polivalente, quando chove eles ficam tão alterados, tão alterados...por causa...por causa do barulho. Do barulho e do ser muito pequeno, eles correm, mas correm à volta, à volta assim vão uns contra os outros, eles estão ali a acumular energia, não é a gastar, é que estão a cumular energia e má disposição. E depois não á... e depois vão brincar para as salas...claro que eles não tiveram...não brincaram porque não têm onde...e não dá...não dá. E depois é o tipo de recreio a... puseram lá dois brinquedos em que um até teve que ser tirado que era demasiado perigoso, puseram aquela pirâmide de cordas, sim senhor é um objecto muito interessante, mas não único para trezentos e tal. Porque eles mal saem das salas vão directos á

pirâmide, aquilo parece uma árvore de natal, decorada de meninos. Fica... não se vê as cordas, só se vê meninos até lá acima. Cai um parte um braço, depois o tipo de piso que foi posto no recreio, eles puseram relva eeee... saibro. A relva ao fim de um mês estava destruída, completamente destruída, o saibro é o caos perante a Escola... porque vem agarrado aos sapatos..aquilo...aquela Escola fica suja em meia hora, em meia hora a Escola está imunda, imunda. E depois puseram entre...puseram uma tira de relva, uma tira de saibro e no meio uma guia de granito. A relva desapareceu, o saibro...

EU: Os professores do primeiro ciclo têm feito alguma reclamação relativamente a isso?

E5: Sempre, sempre, eles em qualquer oportunidade...

EU: Eles são, eles só reclamam em relação ao espaço...

E5: ...eles as..

EU: ...mais às condições físicas

E5:...condições físicas...

EU: ...mais do qualquer outra condição...

E5: Eu acho que eles. têm saudades das Escolas pequenas. Têm saudades, mas acho que as saudades que eles têm é do sossego, não é bem do trabalho é do sossego. Porque eles...eles reconhecem que trabalhar com uma turma só de ano é muito melhor do que trabalhar com uma turma de quatro anos, não é? Pronto em termos de trabalho mesmo para eles é preferível. Agora o espaço físico tem cansado muito e não tem permitido trabalhar doutra forma. E...a... eu acho que neste momento o que está a prejudicar, é precisamente o espaço físico. E se não fosse este... se a Escola tivesse outras condições eu acho que já nem sequer as pessoas...ainda sonhavam com as Escolas nas aldeias, acho que já tinham desaparecido...

EU: Mas haverá alguma possibilidade de o agrupamento com a autarquia poder fazer alguma alteração?

E5: É assim ; enquanto...eu penso que há em termos de arquitectura não é possível alterar porque há o compromisso durante xis anos, e o arquitecto é o dono

da obra ou o projecto não pode ser alterado. A...nós já fizemos...já sugerimos à Câmara que pelo menos nos blocos fizesse crescer aquilo em altura, nos blocos que ainda são rés-do-chão, para aumentar o número de salas, relativamente aos recreios não vejo solução, não vejo solução nenhuma. Ou deitar alguma coisa abaixo. Porque ali não há donde crescer. Há estrada de um lado já há construção do outro, portanto não há por onde crescer. Mas pelo menos que mudem o piso, isso o piso já pedimos muitas vezes que mudem o piso, agora estão a pôr...o que é que eles estão a pôr?...já não sei o que é que eles estavam a pôr...um piso qualquer que já não sei o que é...já não me lembro o que é que era. E...a... e que fizessem um campo de futebol...eles têm que ter um campo de futebol...Eles têm que ter um campo grande...

EU: Mas isso são pedidos dos professores também?

E5: Também e dos professores dos nossos, portanto quando há assim alguma queixa, depois a Escola é muito quente, tem muitos vidros, o sol bate ali no Verão aquilo é insuportável...

EU: Portanto isso vai condicionar se calhar o trabalho...

E5: Isso vai...vai porque ...esses períodos. Porque o problema é que nós podíamos neste momento estar a trabalhar em relação...com os miúdos em relação ao comportamento, não é... às atitudes e não conseguimos. Nós neste tempo todo, não é... já estamos nisto desde 2004 e nós ainda não conseguimos que os alunos cumpram determinadas regras porque...a...eles alteram-se, alteram-se pura e simplesmente. Aqueles corredores imensos, nós não conseguimos impor um a regra que é não correr nos corredores, quando o corredor é imenso. Eu vou lá...eu vou lá e se tenho que ir ao fundo dou por mim a correr. Eu ando depressa, gosto de chegar depressa e como sou assim um bocado acelerada, eu dou por mim... tento fazer aquele caminho todo, já dou por mim a acelerar o passo já estou, já quase que estou a correr por ali fora. Portanto mais uma criança de seis ou sete anos. Portanto há coisas que é muito difícil por causa do espaço. E eles ficam muito agitados, muito...muito...muito agitados. Depois é um entra e sai um entra e sai que eles têm que correr por algum lado. Correm nos corredores , correm nos recreios, correm a passar de um recreio para outro, e correm por todo o

lado, porque é da natureza deles correr. Não têm onde correr cá fora depois e depois no Inverno...

EU: Dos docentes que inicialmente foram para a concentração, neste momento se calhar já estão muito poucos?...

E5: Muito poucos...cerca de cinco seis no máximo

EU: ...que é no total de...

E5: No total de titulares de turma dezasseis. Mas no ano em que fechamos as Escolas tínhamos vinte...e...oito professores e reduziu para...para...dezasseis...par vinte...

EU: E como é que é a reacção dos que vêm de novo para aqui?

E5: Adoram ...nos primeiros dias adoram. Adoram a Escola o espaço, depois são bem recebidos e gostam ... e depois com o tempo vão se apercebendo , lá está , destes problemas não é, mas normalmente esta gente nova...

EU: ...integram-se

E5: Integram-se bem e... gostam de cá estar, e gostavam de voltar. Há muitos professores que gostavam de voltar. Depois há professores daqui que ficam cá a dormir, não é... que alugam cá casa, professores de lá também, depois á noite encontram-se, encontram-se ao fim de semana...depois já há essa amizade. Depois há professores lá de baixo que sabem que esta Escola está aberta até à meia noite e vêm para aqui trabalhar, ou estão aqui só a conversar com outros professores que estão aqui à noite. A nível de professores tem tendência a melhorar. A relação entre os professores...

EU: E o próprio trabalho...

E5: E o próprio trabalho não é? E nós temos vindo a ver os resultados que têm...melhorado. E por exemplo os professores de Matemática do segundo ciclo que vão fazer o plano de acção da Matemática, já escolhem as turmas no quinto que...que trabalharam lá. Já começam a conhecer os professores de Inglês também. Nós temos professores de Inglês que fazem as AES e que normalmente ficam a dar terceiro e quarto ano, que é para depois rapidamente darem continuidade aqui...e portanto já vêm com as turmas deles de lá, já escolhem essas tur-

mas. Mesmos das Ciências...temos que... têm o quarto ano com as Ciências. Portanto eles já começam a conhecer... os próprios miúdos, a...já começam a conhecer os professores daqui...e já os reconhecem como professores deles também. É engraçado isso, mas nesse aspecto é bom isso. Havendo esta partilha entre ciclos, mas também não é qualquer escola que consegue fazer isso. Porque a escola ou tem um crédito horário grande, e consegue gerir... portanto nós temos quarenta e oito horas de crédito, o que é ótimo não é? E é esse crédito que nos permite trabalhar lá em baixo...os professores daqui irem lá para baixo. Uma Escola que não tenha esse crédito não é possível. Portanto isto é tudo muito bonito mas quando é possível organizar assim. Mas também quando não horas...não é possível organizar assim. Agora o que acho que tem sido uma grande vantagem... e que tem ...o que eu noto e que os professores do segundo e terceiro ciclo tiveram uma grande abertura em ir lá para baixo ...pró primeiro. E isso, foi isso que fez também ...

EU: Quebrar aquelas barreiras...

E5: Quebrar aquelas barreiras. Porque de início eles iam...aaa... não estavam à vontade na sala dos professores da outra Escola, agora toda a gente está na sala de professores de lá , está na sala de professores daqui. É tudo igual. Via-se nas reuniões gerais, por exemplo, via-se os grupos, agora não agora está tudo misturado. Já não sei onde estão os do primeiro ciclo nem os do pré-escolar nem os dos outros ciclos está tudo misturado, já chegam e toda a gente está na mesma casa. Já não há esse problema. Fazemos jantares, toda a gente, não há grupos toda a gente se mistura. Nesse aspecto foi bom, foi uma forma de quebrar essas diferenças entre ciclos.

EU: Pronto não sei se quer acrescentar mais alguma coisa?

E5: Não...nós temos até professores do primeiro ciclo a ir para o primeiro ciclo, nós temos um projecto de Filosofia para crianças. Portanto até esses professores não é... quando professores de Filosofia no primeiro ciclo...parece uma coisa absurda...não é... porque Filosofia é logo Secundário. Mas não...não, as pessoas já se disponibilizam mesmo, oferecem-se para ir lá para baixo.

EU: Bom, então eu agradecia a colaboração e prometo trazer os resultados deste trabalho, obrigada.

ANEXO 5



FOTO 01 – ESCOLA DA VILA



FOTO 02 – ESCOLA DE AGUALONGA



FOTO 03 – ESCOLA DE BICO



FOTO 04 – ESCOLA DE CASTANHEIRA



FOTO 05 – ESCOLA DE COSSOURADO



FOTO 06 – ESCOLA DE COURA



FOTO 07 – ESCOLA DE CRISTELO



FOTO 08 – ESCOLA DE CUNHA



FOTO 09 – ESCOLA DE FERREIRA



FOTO 10 – ESCOLA ANTIGA DE FORMARIZ



FOTO 11 – ESCOLA DE INFESTA



FOTO 12 – ESCOLA DE INSALDE



FOTO 13 – ESCOLA DE LINHARES



FOTO 14 – ESCOLA DE MOZELOS



FOTO 15 – ESCOLA DE PADORNEIRO



FOTO 16 – ESCOLA DE PARADA



FOTO 17 – ESCOLA DE RESENDE



FOTO 18 – ESCOLA DE ROMARIGÃES



FOTO 19 – ESCOLA DE RUBIÃES



FOTO 20 – ESCOLA DE VASCÕES



FOTO 21 – ESCOLA NOVA DE FORMARIZ



FOTO 22 – ESCOLA DE PORREIRAS

FIM

ANEXO 6

SOMOS AGRUPAMENTO. E AGORA? REFLEXOS DA CRIAÇÃO DO AGRUPAMENTO NA PROFISSIONALIDADE DOCENTE.



FOTO 23 – ENTRADA



FOTO 24 – ESPAÇO EXTERIOR



FOTO 25 – ESPAÇO EXTERIOR



FOTO 26 – ESPAÇO EXTERIOR



FOTO 27 – ESPAÇO EXTERIOR



FOTO 28 – ESPAÇO EXTERIOR



FOTO 29 – RECREIO



FOTO 30 – RECREIO



26/07/2009 18:21

FOTO 31 – RECREIO



26/07/2009 18:28

FOTO 32 – RECREIO



26/07/2009 18:27

FOTO 33 – BIBLIOTECA



26/07/2009 18:28

FOTO 34 – BIBLIOTECA



26/07/2009 18:28

FOTO 35 – BIBLIOTECA



26/07/2009 18:28

FOTO 36 – BIBLIOTECA



26/07/2009 18:18

FOTO 37 – CACIFO



26/07/2009 18:18

FOTO 38 – CANTINA

SOMOS AGRUPAMENTO. E AGORA? REFLEXOS DA CRIAÇÃO DO AGRUPAMENTO NA PROFISSIONALIDADE DOCENTE.



FOTO 39 - CORREDOR



FOTO 40 - CORREDOR



FOTO 41 - ELEVADOR



FOTO 42 - ESPAÇO DE TRABALHO



FOTO 43 - ESPAÇO DO JARDIM



FOTO 44 - ESPAÇO JARDIM INFÂNCIA



FOTO 45 - ESPAÇO JARDIM INFÂNCIA



FOTO 46 - PAINEL CORREDOR

SOMOS AGRUPAMENTO. E AGORA? REFLEXOS DA CRIAÇÃO DO AGRUPAMENTO NA PROFISSIONALIDADE DOCENTE.



FOTO 47 - POLIVALENTE



FOTO 48 - POLIVALENTE

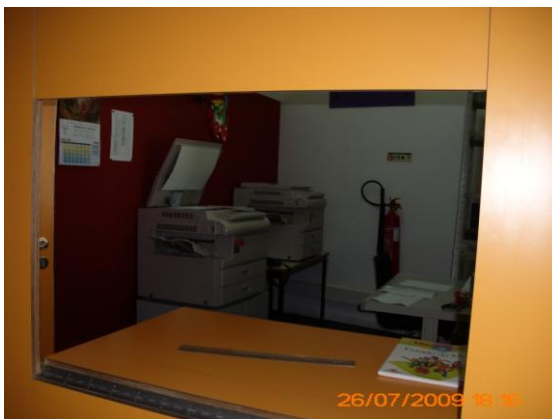


FOTO 49 - REPROGRAFIA



FOTO 50 - SALA DE AULA



FOTO 51 - SALA DE AULA



FOTO 52 - SALA DE AULA



FOTO 53 - SALA DE AULA



FOTO 54 - SALA DE AULA

SOMOS AGRUPAMENTO. E AGORA? REFLEXOS DA CRIAÇÃO DO AGRUPAMENTO NA PROFISSIONALIDADE DOCENTE.



FOTO 55 – SALA DE AULA



FOTO 56 – SALA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA



FOTO 57 – SALA DE EXPRESSÃO PLÁSTICA



FOTO 58 – SALA DE INFORMÁTICA



FOTO 59 – SALA PROFESSORES



FOTO 60 – SALA TRABALHOS



FOTO 61 – SALA DO 1º ANO



FOTO 62 – SALA DO 1º ANO

SOMOS AGRUPAMENTO. E AGORA? REFLEXOS DA CRIAÇÃO DO AGRUPAMENTO NA PROFISSIONALIDADE DOCENTE.



FOTO 63 – SALA 2º ANO



FOTO 64 – SALA DO 2º ANO



FOTO 65 – SALA DO 3º ANO



FOTO 66 – SALA DO 4º ANOS



FOTO 67 – SALA DO ENSINO ESPECIAL



FOTO 68 – SALA DO ENSINO ESPECIAL



FOTO 69 – SALA PROFESSORES



FOTO 70 – SALA PROFESSORES



FOTO 71 – WC RAPARIGAS



FOTO 72 – WC RAPAZES



FOTO 73 – WC'S

FIM